



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

REBECCA DOS SANTOS DIAS

A BIBLIOTERAPIA COMO INTERVENÇÃO ENTRE O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE

Rio de Janeiro
2014

REBECCA DOS SANTOS DIAS

A BIBLIOTERAPIA COMO INTERVENÇÃO ENTRE O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE

Projeto Final II apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Lucia Fidalgo

Rio de Janeiro

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D541b Dias, Rebecca dos Santos.

A biblioterapia como intervenção entre o indivíduo e a sociedade/
Rebecca dos Santos Dias. – Rio de Janeiro, 2014.

65 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) –
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação,
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Orientadora: Lucia Fidalgo

1. Biblioterapia. 2. Leitura como terapia. 3. União das Operárias de Jesus.
I. Fidalgo, Lucia. III. Título

CDD 615.8516

REBECCA DOS SANTOS DIAS

A BIBLIOTERAPIA COMO INTERVENÇÃO ENTRE O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE

Projeto Final II apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20__.

Profa. Lucia Fidalgo– UFRJ
Orientador (a)

Profa. Ana Senna
Membro interno

Profa. Mariza Russo
Membro externo

AGRADECIMENTOS

Agradeço porque em todos esses quatro anos sempre pude usufruir de saúde e ânimo para completar essa jornada. Agradeço pela minha vida e pela proteção, a todos que por mim zelaram.

Aos meus pais, Miriã e Renato, que me deram o apoio necessário para que eu alcançasse mais esse degrau como estudante e aprendiz. Que me ensinaram, em atitudes e palavras, o valor do esforço e dedicação em meus objetivos.

À minha irmã Renata, que ouviu meus dilemas quando tinha os seus próprios, e que com sua ambição e competência me inspira e me faz acreditar que é possível chegar onde se deseja. Que compartilha comigo sua experiência, me ajudando a dar menos passos falhos; encorajou-me quando estive indecisa e nunca se esqueceu de demonstrar sua torcida por mim nos momentos de desafios.

Aos meus tios, primos e avós, que mesmo de longe me desejam o bem, acompanham meu crescimento, demonstram orgulho, acreditam em minhas vitórias e em meu futuro.

Agradeço também as minhas amigas e amigos por me ouvirem, me proporcionarem sorrisos, me incentivarem a seguir em frente, me aconselharem e por terem tornado esses anos mais fáceis e alegres. À Julia, que mesmo deixando de sermos amigas de profissão, esteve sempre presente com nossos muitos e longos e-mails, trocando devaneios e emoções. À Sabrina que é como uma irmã e que acompanha minhas conquistas com alegria e entusiasmo. Ao Carlos, Livia, Daniele, Alessandra, Gabriela, amigos que em frases e conversas demonstram a preocupação e a satisfação de me verem chegar até aqui. Aos amigos próximos e distantes que me compreendem e vibram por mim.

Às amigas e companheiras de curso, Isabelle, Bárbara e Vanessa, que juntas vivemos dias de muita preocupação com trabalhos e prazos, mas que principalmente vivemos dias marcados por risadas e apoio mútuo. Talvez não tivesse sido possível chegar até aqui com tanta satisfação se não formássemos o CBGirls. À Isabelle que esteve sempre disposta a apagar os incêndios comigo. À Bárbara por estar sempre atenta ao quase imperceptível. À Vanessa pelas verdadeiras palavras de incentivo e inspiração. Mais uma vez agradeço a vocês, amigas bibliotecárias, pelo acolhimento, cuidado e ensinamentos que levarei por toda vida.

Aos professores por ampliarem cada dia minha visão de mundo, de aprendizado e de possibilidades. Por estarem disponíveis para conversas no corredor, ajudas repentinas e por acreditarem em nosso potencial sem deixar de compreender nossas fraquezas. Especialmente quanto à realização deste trabalho, agradeço ao professor Frederico por ter sido atencioso quanto ao meu interesse no tema, e que gentilmente me apresentou a diversas fontes, além das orientações e palavras de incentivo. À professora Cristina que nos ensinou sobre a importância da humanização da nossa profissão. À professora Ana Senna que ouviu e esclareceu minhas dúvidas extraclasse, dispôs de tempo e atenção para me ajudar a encontrar o melhor caminho para este trabalho. À orientadora Lucia Fidalgo que aceitou me orientar, e o fez com cuidado e maestria.

Agradeço à bibliotecária Maria Luiza que faz um trabalho tão admirável na UOJ e que, desde o início, foi muito generosa em me ajudar e me atender quanto às informações deste trabalho.

Aos colegas e supervisores de estágios vivenciados, que me ensinaram muitíssimo e foram solícitos quanto as minhas dificuldades, pois muitos foram e são exemplos a seguir.

Finalmente, agradeço às crianças quase anônimas para quem tive a oportunidade de contar histórias durante a graduação. Pois graças aos seus olhares pude descobrir a satisfação em ajudar alguém a ir do tédio à imaginação, do desconforto à calma.

"Na convivência, o tempo não importa.
Se for um minuto, uma hora, uma vida.
O que importa é o que ficou deste minuto,
desta hora, desta vida...
Lembra que o que importa
... é tudo que semeares colherás.
Por isso, marca a tua passagem,
deixa algo de ti,...
do teu minuto,
da tua hora,
do teu dia,
da tua vida."

(Mario Quintana)

DIAS, Rebecca dos Santos. **A biblioterapia como intervenção entre o indivíduo e a sociedade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

RESUMO

A biblioterapia é um tema ainda pouco abordado de forma extensiva em graduações no Brasil, ainda que venha recebendo atenção em pesquisas na área de Biblioteconomia. A relevância do tema se dá pela possibilidade de o bibliotecário atuar como agente fomentador direto de transformação, diante de seu papel de agente cultural e social. Neste trabalho, estão reunidos -entre outros- conceitos sobre biblioterapia, seus processos, seus campos de aplicação e a relevância da literatura quando usada como terapia. A proposta aqui presente é demonstrar a abrangência e a eficácia da biblioterapia, não restringindo apenas ao ambiente hospitalar, apresentando dados e relatos a respeito dos benefícios deste tipo de terapia. O resultado da compilação conceitual foi gerar uma estrutura de projeto de intervenção de biblioterapia em um pensionato no Rio de Janeiro chamado União das Operárias de Jesus (UOJ). Para pensar o projeto de intervenção, foi necessário conhecer a UOJ, seu contexto social, suas instalações, funcionários e seus beneficiários. Os dados para o estudo da UOJ foram adquiridos via e-mail - cedidos pela bibliotecária, e outros foram registrados em entrevistas e visitas. É objetivo deste trabalho que a proposta do projeto biblioterapia na UOJ sirva de base para implantação do mesmo na instituição.

Palavras-chave: Biblioterapia. Leitura como terapia. União das Operárias de Jesus.

ABSTRACT

Bibliotherapy is a topic not yet covered extensively in graduations in Brazil, though has received attention in research in the Library area. The relevance of the subject is given by the possibility of the librarian act as direct enabler of transformation, before its role as cultural and social agent. In this work, -among others- are gathered concepts of bibliotherapy, its processes, its fields of application and relevance of literature when used as therapy. The proposal here is to demonstrate the present scope and effectiveness of bibliotherapy, not only restricted to the hospital environment, presenting data and reports regarding the benefits of this type of therapy. The result of the conceptual compilation was to generate a bibliotherapy intervention project structure in a child support home in Rio de Janeiro called Union of Workers of Jesus (UOJ). To think the intervention project, it was necessary to know the UOJ, its social context, its facilities, employees and their beneficiaries. The data for the study of UOJ were acquired by email - assigned by the librarian, and others were recorded in interviews and visits. It is the aim of this study that the proposed project in bibliotherapy UOJ a basis for implementation of the same in the institution.

Keywords: Bibliotherapy. Reading such therapy. Therapy with books. União das Operárias de Jesus.

LISTA DE SIGLAS

ALA	<i>American Library Association</i>
BoP	<i>Book Prescription Scheme</i>
CDU	Classificação Decimal Universal
FNLIJ	Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
IFF	Instituto Fernandes Figueira
IPLO	Instituto Pró – Livro
IPPMG	Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PBVH	Projeto Biblioteca Viva em Hospitais
PROLER	Programa Nacional de Incentivo à Leitura
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UOJ	União das Operárias de Jesus

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - placa no refeitório com identificação do recurso financeiro para reforma.	36
Quadro 1 - dados quantitativos de crianças atendidas na UOJ.	42
Imagem 2 - A Capela de Jesus Crucificado hoje em dia.	38
Quadro 2 - dados quantitativos de número de funcionários e voluntários da UOJ.	42
Imagem 3 - representação de anúncio publicado no Jornal do Brasil em 19 de Fevereiro de 1949	40
Quadro 3 - especificação e quantidade de voluntários por cargo	42
Imagem 4 - representação de anúncio publicado no Correio da Manhã em 21 de Fevereiro de 1953.	40
Quadro 4 - cronograma de execução do projeto	54
Imagem 5 - sala de multimídia.	41
Quadro 5 - orçamento previsto para o projeto	55
Imagem 6 - pátio da UOJ	41
Imagem 7 - cartaz feito pela estagiária e colado a porta de entrada da biblioteca	43
Imagem 8 - visão frontal da biblioteca da UOJ	43
Imagem 9 - documento da CDU adaptada e das cores de fitas correspondentes ao tema.	44
Imagem 10 - setor de poesia organizado pela CDU adaptada e indicação da fita	45
Imagem 11 - exposição na biblioteca de	46

desenhos das crianças

Imagem 12 - acervo de sexualidade e
culinária

47

Imagem 13 - sala de assistência

47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 JUSTIFICATIVA	17
3 OBJETIVOS	18
3.1 OBJETIVO GERAL	18
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
4 METODOLOGIA	19
5 REFERENCIAL TEÓRICO	20
5.1 BIBLIOTERAPIA.....	20
5.2 O PERCURSO HISTÓRICO DA BIBLIOTERAPIA	22
5.3 A BIBLIOTERAPIA NO MUNDO	24
5.4 A BIBLIOTERAPIA NO BRASIL	25
5.5 A INFLUÊNCIA DA LITERATURA	26
5.6 AS VERTENTES TEÓRICAS DA BIBLIOTERAPIA	28
5.7 O PROCESSO BIBLIOTERAPÊUTICO	29
5.8 O PROFISSIONAL BIBLIOTERAPEUTA	30
5.9 O BIBLIOTECÁRIO COMO BIBLIOTERAPEUTA.....	31
6 O PROJETO DE BIBLIOTERAPIA NA UNIÃO DAS OPERÁRIAS DE JESUS .	34
6.1 A UNIÃO DAS OPERÁRIAS DE JESUS	34
6.2 MISSÃO	34
6.3 HISTÓRIA	35
6.4 INÍCIO DAS ATIVIDADES	36
6.5 RELAÇÕES PÚBLICAS	37
6.6 DIVULGAÇÃO E VISIBILIDADE	38
6.7 ATIVIDADES EDUCACIONAIS.....	39
6.8 DADOS	42
6.9 A BIBLIOTECA DA UOJ	42
6.9.1 O acervo	44
6.9.2 As atividades realizadas na biblioteca da UOJ.....	45
6.10 ASSISTÊNCIA MÉDICA E PSICOLÓGICA.....	47
7 ESTRUTURA DO PROJETO	49
7.1 APRESENTAÇÃO	49
7.2 JUSTIFICATIVA	49

7.3 OBJETIVOS DO PROJETO.....	50
7.4 PÚBLICO ALVO.....	50
7.5 METAS A ATINGIR	50
7.6 METODOLOGIAS	51
7.6.1 Metodologia de aplicação	51
7.6.2 Metodologia de controle	51
7.6.3 Metodologia de avaliação	52
7.7 RECURSOS	53
7.8 PARCEIROS OU PATROCINADORES	54
7.9 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO	54
7.10 ORÇAMENTO	54
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS.....	57
ANEXO 1.....	60
ANEXO 2.....	63

1 INTRODUÇÃO

A interpretação que os indivíduos fazem do mundo que os cerca é correspondente ao nível de conhecimento e de linguagem que dominam. O hábito de ler - como comprovado por estudos de diversas áreas científicas- é responsável pelo aprendizado da língua, auxilia na qualidade da escrita, no aumento do vocabulário e age como fonte de conhecimento.

Descartes (apud QUAKNIN, 1997, p.16 apud PINTOS, 1991) considerava “a leitura de todos bons livros como uma conversa com as pessoas mais honestas dos séculos passados”. Marcel Proust (apud QUAKNIN,1997, p.16 apud PINTOS, 1991) ressaltou a diferença entre o diálogo interpessoal e o diálogo através da leitura, e explica que “a leitura, ao contrário da conversa, consiste para cada um de nós em receber comunicação de outro pensamento, ao mesmo tempo que permanecemos sozinhos, continuando a usufruir do poder intelectual que temos na solidão”.

Assim como diversos autores, o escritor inglês Neil Gaiman também explica o processo da leitura como a possibilidade de viver a vida de outro através de personagens fictícios, e quando o leitor termina a leitura ele certamente sairá transformado. O efeito da leitura é a aprendizagem pela empatia. Através do ato de ler Gaiman diz que o leitor descobre que “o mundo não precisa ser assim, as coisas podem ser diferentes”.

A influência da leitura na psique humana despertou e desperta interesse de estudos cada vez mais avançados. O incentivo à leitura é recomendado cada vez mais cedo, e há muito os livros são vistos como portal de ideias e conhecimento, que muitas vezes leva o leitor a *insights* e a novas reflexões. Atentando a esses aspectos, notou-se a possibilidade de os livros servirem como terapia e tratamento alternativo e complementar, dando origem a biblioterapia. Descobriu-se que, além de propor desenvolvimento cultural e auxiliar na formação cidadã, a leitura também pode agir como terapia para aqueles que se defrontam com personagens e histórias que os instigam e os conduzem a lugares incomuns.

A leitura como terapia tem sido objeto de estudo e ofício de profissionais de diversas áreas, tais como Biblioteconomia, Psicologia e Pedagogia. Apesar de ainda ser pouco lecionada nos cursos de ensino superior no Brasil, sendo também pouco utilizada como um viés terapêutico, a biblioterapia é largamente aplicada em países como Estados Unidos e França.

A biblioterapia possui caráter multidisciplinar, podendo o biblioterapeuta advir de áreas distintas, sendo foco de abordagem deste trabalho o profissional Bibliotecário como biblioterapeuta. Como arte ou como ciência, a biblioterapia apresenta vertentes e conceitos intrínsecos que serão apresentados.

Para melhor compreensão de seu surgimento, a biblioterapia será apresentada através de abordagem histórica, assim como será realizada exposição de sua dimensão, acadêmica e profissional, no Brasil e no mundo. Em território brasileiro, quando encontrada, a Biblioterapia está na maior parte presente em hospitais. No entanto, sua amplitude permite ser aplicada em diferentes espaços, como: escolas, presídios, asilos, orfanatos etc. Este trabalho pretende mapear as áreas encontradas como possíveis de aplicação dos livros como terapia.

O principal questionamento que embala este trabalho é: como a leitura guiada de literatura de ficção pode levar o leitor a transpor de sua interpretação estática em direção a novas percepções?

A biblioterapia traz intrínseca, também, a promoção da leitura como resposta para dilemas e questões que cercam a vida de crianças, jovens e adultos proporcionando o crescimento intelectual e psicológico do leitor.

Diante das poucas literaturas sobre o uso da biblioterapia em ambientes não hospitalares, o presente trabalho irá propor a criação de um projeto de intervenção de biblioterapia no tradicional pensionato União das Operárias de Jesus (UOJ), situado no Rio de Janeiro, que oferece auxílio a crianças em situação de fragilidade social.

A primeira parte deste trabalho consiste na apresentação dos conceitos de biblioterapia, seu desenvolvimento no Brasil e no exterior, além do fazer biblioterapêutico e seu processo de aplicação. A segunda parte deste trabalho apresenta a instituição selecionada para proposta do projeto, a União das Operárias de Jesus (UOJ), e contém informações como a história de sua fundação e dados sobre os funcionários. A terceira parte consiste na estruturação da proposta do projeto, tal como a justificativa e a metodologia de aplicação.

Foram utilizadas, também, imagens ilustrativas de visitas realizadas a UOJ para ambientação e observação comprobativa das informações levantadas. Encontram-se, em anexo, uma pesquisa a respeito do humor e bem estar da criança internada em hospital após passar por uma sessão de leitura, e um relato de uma sessão de biblioterapia aplicada por um terapeuta, e narrado pela pessoa atendida, de modo que se é possível notar, diante das narrativas, a aplicabilidade e a eficiência da biblioterapia.

2 JUSTIFICATIVA

O Brasil ainda enfrenta um quadro deficiente de leitura por habitante. O Instituto Pró – Livro (IPL) registrou que o brasileiro lê cerca de 4,7 livros por habitante ao ano, incluindo os didáticos. Quando considerada apenas as leituras livres a estimativa cai para 1,3 livros por habitante ao ano.

Visando expandir o acesso e a valorização da leitura no país, o Governo Brasileiro criou em 1992 o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), que fomenta diversas iniciativas, mas que ainda possui um longo caminho pela frente para se obter a verdadeira mudança no quadro atual.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 400 milhões de pessoas necessitam de auxílio a saúde mental, e 75% a 85% dessas pessoas não possuem acesso ao tratamento adequado. A estimativa no Brasil é de que 23 milhões de pessoas passem por tal problema, e o acesso ao tratamento e terapias é pouco difundido e incentivado, assim como ainda de pouco acesso.

Diante de tais quadros, a biblioterapia adequa-se como uma alternativa para o tratamento psicológico e o fomento à leitura, pois ela trata as duas problemáticas ao mesmo tempo em que elas compactuam com a mudança positiva através do diálogo e do empréstimo científico. A ficção literária traz em suas histórias e personagens a Psicologia, enquanto a Psicologia empresta o conhecimento terapêutico para que se conduza a descobertas através da leitura.

Além dessas razões, o conteúdo que aqui consta visa se somar às literaturas da área, como forma de proporcionar maior visibilidade à biblioterapia, que ainda hoje carece de espaço no Brasil, seja nas instituições de ensino superiores ou nos demais setores da sociedade, enquanto é comumente realizada em outros países.

3 OBJETIVOS

A seguir são apresentados os objetivos geral e específicos do presente trabalho.

3.1 OBJETIVO GERAL

Este trabalho tem como objetivo geral explorar a função da leitura como impulsionadora de percepções a respeito da realidade, através da experiência literária com personagens e narrativas fictícias. Pretende-se abordar a experiência literária como terapia para transtornos psíquicos e emocionais encontrados em leitores, e como esta consciência adquirida pode ajudar no processo de identidade e inclusão social.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar os principais conceitos e compreensões da biblioterapia
- Demonstrar a relevância da biblioterapia como estudo científico
- Demarcar o papel do bibliotecário como biblioterapeuta
- Demonstrar o sucesso da biblioterapia quando aplicada como terapia
- Criar uma proposta de projeto de biblioterapia em um ambiente não hospitalar no Rio de Janeiro

4 METODOLOGIA

A pesquisa possui caráter descritivo, em que fatos e conceitos já analisados por pesquisadores foram reunidos, compilados e apresentados. A fonte de dado foi bibliográfica, por procedimento de coleta documental em dissertações de mestrado, teses, artigos científicos, monografias, na *web*, entre outros, em Língua Portuguesa, Inglesa e Espanhola, sobretudo, na área de Ciência da Informação.

Além das pesquisas bibliográficas para as fundamentações conceituais, os demais dados foram gentilmente cedidos pela bibliotecária da União das Operárias de Jesus (UOJ) transcritos e reescritos – no caso do arquivo histórico - neste trabalho. Também foram realizadas entrevistas com a bibliotecária e visitas à instituição, em que informações foram reunidas através de registros de observações, fotografias e anotações.

Para a estruturação do projeto biblioterapia na UOJ foram utilizados como base modelos disponíveis na *web* e referenciados neste trabalho. Ocorreram encontros periódicos com a orientadora, para que se definissem as melhores diretrizes para o conteúdo aqui exposto. O segundo texto que se encontra em anexo neste trabalho foi gentilmente relatado e desenvolvido por uma paciente que o construiu somente com o fim de servir como exemplo prático da teoria da biblioterapia.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

A terapia, desde seu surgimento, se ocupa com tudo que anima o corpo. Realizando um paralelo com o significado da palavra em latim *anima*, o objeto da terapia é a alma. Ao fundar a psicanálise, Freud utilizou a expressão *Seelenbehandlung* que significa “tratamento da alma” (PINTOS, 1991)

Conforme PINTOS (1991), a psicoterapia é o campo da psicologia clínica que trabalha estimulando e promovendo no paciente a descoberta de si mesmo e novas formas de agir para melhora de sua saúde psíquica, através de recursos e meios psicoterapêuticos. Trata-se de um valioso recurso para lidar com as dificuldades da existência em todas as formas que o sofrimento humano pode assumir. (SCARPATO, 2010)

Com o desenvolvimento da psicologia e das ciências afins, diversas terapias alternativas foram sendo reconhecidas como efetivas, e passaram a ser também objeto de estudos. Algumas delas são, por exemplo, a musicoterapia, a arteterapia, a acupuntura, a *yoga* e a biblioterapia, que por vezes são chamadas também de terapias complementares. Dessa forma, a biblioterapia age como terapia alternativa e auxiliar através do discurso e da reflexão.

5.1 BIBLIOTERAPIA

Biblioterapia é o conceito que une a dimensão das palavras gregas *biblion* – livro - e da *therapeia* - terapia, estando a terapia relacionada à cura e, sobretudo, ao cuidado do ser, ressaltando também sua função preventiva. No dicionário especializado *Dorland's Illustrated Medical Dictionary*, em 1941, definiu-se o termo como “o emprego de livros e a leitura deles no tratamento de doença nervosa”.

Na biblioterapia, a leitura e discussão do texto são partes essenciais para sua aplicação. O valor da palavra e do discurso é ressaltado em diversas terapias, como na psicanálise de Freud, que em texto se refere à técnica de Bernheim da “psicoterapia-sugestão” e ressalta o poder da palavra para o tratamento psíquico, como citado abaixo:

As palavras são os instrumentos mais importantes da influência que uma pessoa procura exercer sobre outra; as palavras são bons meios para provocar modificações psíquicas naquele a quem são dirigidas, e é por isso que doravante nada mais há de enigmático na afirmação segundo a qual a magia da palavra pode afastar os fenômenos mórbidos. (apud QUAKNIN, 1997, p. 15 apud PINTOS, 1991)

A leitura guiada faz parte do processo da biblioterapia, de modo que Shrodes (1949) definiu biblioterapia como a prescrição de materiais de leitura que auxiliam o

desenvolvimento da maturidade e que nutrem e mantêm a saúde mental. Buonocori (apud ALVES, 1982, p. 55) definiu simplesmente como “a arte de curar enfermidades por meio de leitura”.

A *American Library Association* (ALA) define a biblioterapia como “O uso de material selecionado para leitura como adjunto terapêutico em medicina e psiquiatria; também, um guia na solução de problemas pessoais através de leitura dirigida.” (apud SILBAJORIS, 1998 apud PINTOS, 1991).

Marc-Alain Ouaknin (1996) afirma a respeito da biblioterapia que a mesma “se situa na corrente da hermenêutica existencial, que é uma defesa da subjetividade e do direito à fala do falante de um “eu”, e não à fala falada de um “nós” da instituição”. Nessa afirmação, fica destacado o papel da leitura como ponte para novas formas de compreensão a respeito da vida, pois o leitor tem a possibilidade de se identificar com narrativas e se situar de modo diferenciado quanto a antigas noções do seu meio. Assim como diz o poeta Ferreira Gullar:

[...] tudo isso em ti
se deposita
e cala.
Até que de repente
um susto
ou uma ventania
(que o poema dispara)
chama
esses fósseis à fala.

(Muitas Vozes, Ferreira Gullar)

Para Prater (2006 apud FOSS) a biblioterapia pode ser definida como o uso de livros de autoajuda com ou sem tratamento médico, ou a leitura de ficção ao se identificar com dificuldades vivenciadas por personagens. Ou seja, a biblioterapia pode se dá com o apoio de diversos tipos de literatura.

Como parte do estudo terapêutico, a biblioterapia pode ser aplicada não somente em caráter corretivo, mas também em caráter preventivo e em tratamento em grupo. E diante do conhecimento de sua amplitude, a biblioterapia pode ser trabalhada em diversos

espaços e situações problemas, individual ou em grupo, funcionando como verdadeira técnica de intervenção em realidades adversas.

Cristina Maltez (2011) aponta quatro principais pressupostos envolvidos na biblioterapia: o livro, o paciente, o terapeuta e o processo metodológico. Nascimento e Rosemberg (2007) descrevem que o texto desempenha o papel de terapeuta, enquanto o biblioterapeuta será aquele que conduzirá o processo mediático, potencializando o diálogo entre o autor e o leitor durante o tratamento. Dessa maneira, o diferencial da biblioterapia se encontra na mediação livro-leitor através do diálogo.

Dessa forma, a biblioterapia trabalha com o poder das palavras em traduzir o intraduzível e de ampliar a compreensão sobre emoções obscuras. Por isso, de acordo com o psicólogo Cláudio García Pintos (1991) a biblioterapia é “a utilização terapêutica do livro, [...] toda letra escrita, seja ela prosa, poesia, canções, aforismos, reflexões”.

5.2 O PERCURSO HISTÓRICO DA BIBLIOTERAPIA

Os livros como apaziguadores de situações conflituosas emocionais e mentais não é uma abordagem recente, mas sim presente na humanidade desde os tempos mais remotos.

Os egípcios construíram e consideraram sua biblioteca como Casa da Vida. Segundo Jones (2006, p. 21 apud MALTEZ, 2011) os gregos antigos reconheciam o poder dos livros como uma ferramenta de terapia tendo inscrito na porta da biblioteca de Thebes a frase “*The medicine chest of the soul*”.

Seitz (2005, p.76 apud MALTEZ, 2011) afirma que Aulus Cornelius Celsus - 25 a.C -50 d.C., enciclopedista romano na área de medicina, estimulava o uso da leitura e discussão de obras de grandes oradores como forma terapêutica porque desenvolvia o espírito crítico e a capacidade de julgar. Crianças greco-romanas aprendiam a ler e a escrever por poemas egípcios com personagens heróicos que serviam de modelo social de conduta e de virtudes.

A valorização do livro como conforto e inspiração para vida é facilmente observada em contextos religiosos. Na Idade Média, por exemplo, a leitura de livros com fins curativos, ou mesmo doutrinários, era habitual ao ponto de Sánchez (p. 4 apud MALTEZ, 2011) afirmar que o que se praticava era a biblioterapia ao invés da oração. O mesmo autor ainda afirma que na abadia de São Gall, na Suíça, recitava-se textos sagrados durante cirurgias, e a biblioteca era considerada como “Tesouro dos remédios da alma”. Entre os muçulmanos, existiam em Cairo os denominados “muezims” que liam o Corão para enfermos internados em hospitais.

Cristina Maltez (2011) ressalta a importância da criação da imprensa para o acesso à leitura e, assim, ao desenvolvimento da biblioterapia. A difusão da leitura, a disseminação da literatura em diversas línguas, leva ao uso da mesma como relaxamento, diversão e introspecção, de modo que no século XVIII, na Alemanha, Georg Heinrich Gotze realiza o primeiro estudo sobre a força curativa da biblioterapia intitulado *Biblioteca de Enfermos*. Então, na Inglaterra, na França e na Itália a leitura passa a ser usada como ajuda no tratamento de doentes mentais, dando início à presença de bibliotecas em hospitais.

Entre 1802 e 1853, a biblioterapia chega à América e começa a ser prescrita para pacientes internados em hospitais de acordo com as características individuais de cada um, como aponta Cristina Maltez (2011). A autora ainda afirma que eram criados catálogos de livros prescritos para cada caso, assim como os medicamentos. Nesse aspecto, ressalta a natureza da multidisciplinaridade da biblioterapia, sendo valorizada por profissionais de diversas áreas.

O norte-americano Benjamin Rush (1745-1813) é o primeiro a abordar cientificamente a biblioterapia na América, fato esse marcado pela criação de seu livro intitulado *On Reading, Recreation, and Amusements for the Insane*, publicado em 1853 como aponta Cristina Maltez (2011), e tratava, sobretudo, da biblioterapia para doentes mentais.

O trabalho dos bibliotecários quanto à biblioterapia começa a ganhar visibilidade durante a Primeira Grande Mundial, em que os mesmos influenciam a criação de bibliotecas em hospitais do exército a serviço da Cruz Vermelha.

Segundo Jones (2006, p. 1 apud MALTEZ, 2011, p. 19) o termo biblioterapia é utilizado pela primeira vez em 1916 por Samuel McChord Crothers no artigo *Atlantic Monthly* que a caracteriza como a “*technique of bringing troubled persons together with books*”.

A bibliotecária e biblioterapeuta Sadie P. Delaney, em 1923, utilizava a biblioterapia em pacientes pós-guerra e ressaltava a importância de ter a preocupação de conhecer bem o histórico de vida do paciente, as suas angústias, os medos e pesadelos. Em 1939 segue, assim, um marco importante para a Biblioteconomia: a criação da *American Library Association* (ALA), e a biblioterapia ganha destaque, sendo difundida e estudada pela parceria entre bibliotecários e psicólogos. E em 1950 nasce a *National Association for Poetry Therapy*, que utiliza a leitura de poemas como terapia.

A ação de cura na biblioterapia deve ser observada não apenas pelo viés da pós-problemática, mas também da ação preventiva que o conhecimento advindo da leitura pode proporcionar. Sobre essa questão afirma-se:

Literature may prevent the growth of neurotic tendencies through vicarious participation in other lives (...). Frequently literature is the only means by which he can discover that his own inner life reflects a common experience of others in his society (HENDRICKS et al., 1999, p.124 apud MALTEZ, 2011)

Em 1949, a pesquisadora Caroline Shrodes defendeu sua tese de doutorado em Filosofia e Educação, na Universidade de Berkeley, Califórnia, intitulada *Bibliotherapy: a theoretical and clinica-experimental study*, considerada como pioneira na comprovação da Biblioterapia como área científica. Para Shrodes (1949), a ficção literária possibilita a terapia de introspecção que leva a transformações no leitor.

A partir da década de 1930, a biblioterapeuta Emma T. Foreman insistia na importância de se definir a biblioterapia como ciência, e não como uma arte. (ORSINI, 1982. In: FERREIRA, 2003, apud PINTOS, 1991).

5.3 A BIBLIOTERAPIA NO MUNDO

O papel da *American Library Association* (ALA), como aponta Maltez (2001), vem sendo bastante representativo mundialmente. Em 1973 a *American Library Association* (ALA) cria o *Bibliotherapy Discussion Group* para discutir o tema da biblioterapia com estudiosos e demais interessados. E, desde então, publicaram *newsletters* e oferecem cursos e *workshops* a respeito da biblioterapia.

Outra instituição que Maltez (2011) também ressalta como de importante representatividade no mundo para a biblioterapia é a *Veterans Bureau* entidade que cuida da saúde dos militares norte-americanos e possui um extenso manual de biblioterapia, com indicação para vários transtornos psíquicos, além de disponibilizar biblioterapeutas para seus pacientes, e possuir material de indicação de uso da leitura específica para tratamento de diversos transtornos, como o transtorno obsessivo compulsivo.

O professor e psicólogo clínico inglês Neil Frude conseguiu comprovar que a biblioterapia é capaz de ser tão eficiente no tratamento da depressão quanto os remédios antidepressivos, e aponta que a biblioterapia, ao contrario dos remédios, não apresenta contra indicações. Baseado nessa comprovação, a *The Reading Agency* e a *The Society of Chief Librarians* desenvolveram o programa *Book Prescription Scheme (BoP)* na Inglaterra, País de Gales e Irlanda do Norte, que reúne conteúdos a respeito e apresentam

literatura referenciada. O *BoP* recebe apoio de órgãos de saúde mental como a *Health through its Improving Access to Psychological Therapies Programme*. Desde Junho de 2013 estão disponíveis nas bibliotecas da Inglaterra uma lista de livros de autoajuda prescritos para biblioterapia para casos como de ansiedade e depressão.

5.4 A BIBLIOTERAPIA NO BRASIL

Almada (2003, p. 2 apud RIBEIRO, 2006) indica que a biblioterapia no Brasil surge com projetos de extensão realizados na década de 70, com destaque para os projetos Carro-Biblioteca, que levava às vilas de Porto Alegre, livros de lazer e de auxílio às atividades escolares; o das Caixas Estantes que emprestava livros de literatura infantil para escolas públicas e particulares, ambos iniciativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A leitura em hospitais ficou por conta de projetos como Livro de Cabeceira e Hora do Conto, com destaque para o segundo que ocorria além de hospitais em asilos, creches e escolas. Em 1992 cria-se o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) de responsabilidade da Biblioteca Nacional em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A biblioterapia segue no Brasil difundida, sobretudo, em hospitais em cidades como Ceará, Santa Catarina, São Paulo, Paraíba e Rio de Janeiro.

Em 2004, o Ministério da Saúde lançou a Política Nacional de Humanização (PNL) referente ao SUS, conferindo no investimento da produção de um novo tipo de interação entre os sujeitos agentes e os sujeitos que usufruem do sistema de saúde. A PNL abre espaço, assim, para prática medicinal de tratamentos complementares, como a contação de histórias em hospitais. A respeito da humanização da saúde, o documento explica como ela se dá, conforme citado abaixo:

Com isso, estamos nos referindo à necessidade de adotar a *Humanização* como *política transversal*, entendida como conjunto de princípios e diretrizes que se traduzem em ações nos diversos serviços, nas práticas de saúde e nas instâncias do sistema, caracterizando uma construção coletiva. (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, pág. 7, linha 1)

Um projeto de grande destaque e exemplo de humanização na saúde psíquica no Rio de Janeiro é o Hotel e Spa da Loucura, localizado no bairro de Engenho de Dentro, que trabalha de forma diferenciada com internos da casa de assistência à saúde mental. O trabalho tem como base as propostas da médica e psiquiatra brasileira Nise da Silveira, que teve uma vida marcada pela luta contra as formas agressivas de tratamentos, propondo alternativas com terapias ocupacionais, incentivando a pintura e a produção

artística dos pacientes. Hoje o Hotel e Spa da Loucura utiliza métodos integrais de psiquiatria transcultural para unir arte e ciência. No espaço são desenvolvidas práticas diferenciadas para o tratamento de doenças psíquicas, que incluem trabalhos coletivos, peças de teatro, arte e estudos, dando a possibilidade de o paciente não apenas experienciar como atuar em narrativas.

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) vem apoiando diversos programas de promoção e incentivo a leitura no Brasil em comunidades carentes, escolas e também hospitais, como o Leia, Criança, Leia; Livro Mindinho, seu Vizinho; e Ciranda de Livros. Um dos programas de destaque na área da saúde é o Meu Livro, meu Companheiro que em 1988 e 1990 criou minibibliotecas para crianças e jovens em hospitais públicos, além de oferecer cursos para os professores dos hospitais, com o apoio do Ministério da Previdência Social - Superintendência do Rio de Janeiro, Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e do Instituto do Câncer no Rio de Janeiro em 1991.

Desde 2001 o projeto Biblioteca Viva em Hospitais (PBVH), do Ministério da Saúde, atua em mais de 27 hospitais pediátricos, em dez estados brasileiros. No Rio de Janeiro, o projeto está presente no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG/UFRJ) e no Instituto Fernandes Figueira (IFF) trabalhando na capacitação de profissionais e voluntários em mediação de leitura no ambiente hospitalar.

Outro projeto de bastante representatividade é Associação Viva e Deixe Viver, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), que contribui com a humanização de voluntários e crianças através da leitura de obras infantis e brincadeiras em hospitais do Brasil desde 1993. Hoje está presente em hospitais da Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo.

Os Doutores da Alegria também é uma organização que, desde 1991, atua junto a crianças hospitalizadas através da paródia do palhaço levando diversas formas de intervenção de arte, como o circo, a música e a poesia. O projeto está presente hoje em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife e conta com cerca de 40 palhaços.

5.5 A INFLUÊNCIA DA LITERATURA

As palavras representam, transcrevem, convencem, emocionam e influenciam. Aristóteles (335 a.C. e 323 a.C.) em sua abordagem do espetáculo trágico já ressaltava que a representação artística desperta o medo e a piedade transformando-os em prazer estético, tendo o pressuposto de que toda experiência literária é catártica como purificação psíquica e intelectual (CALDIN, 2001).

O efeito da leitura sobre o cérebro possui comprovações clínicas. O hábito de ler ajuda na atividade cerebral, reduzindo as ondas cerebrais, induzindo a um estado de maior relaxamento e estimulando a memória, além da influência cultural exercida pelo conteúdo da leitura.

A relação entre literatura e psicologia sempre esteve presente, de modo que Carl Jung em 1930 (apud BAIOCCHI e NIEBIELSKI, 2011) escreveu um artigo intitulado *Psicologia e Poesia*, que está no livro *Espírito na Arte e na Ciência*, de 1985, e afirma que a “análise da obra concentra-se nas expressões das emoções e dos sentimentos impressos nos personagens de um romance ou no lirismo de uma poesia.” Sigmund Freud (1856 – 1939) também observou a psicologia na literatura, tendo inclusive direcionado a comprovação de estudos através dos livros *Édipo Rei*, de Sófocles, *Hamlet*, de Shakespeare e *Os Irmãos Karamázov*, de Dostoiévski.

Para Marc-Alain Ouaknin (1996, p. 17 apud CALDIN, 2001) o ser humano encontra suas forças no processo narrativo-interpretativo da atividade de leitura, sendo a biblioterapia uma filosofia existencial e uma filosofia do livro. A atividade de interpretação é considerada terapêutica, pois junto à literatura o leitor tem a oportunidade de conduzir a narrativa por si próprio, construindo novos caminhos. Um verdadeiro diálogo acontece entre livro e leitor, de modo que um se conduz ao universo do outro em direção a novas dimensões. Essa transposição de dimensão, de lugar imagético ou cognitivo/ interpretativo, é o que se configura como cura.

Crothers (1916, p.292) ressalta o valor terapêutico da leitura independente se o livro é antigo ou moderno, em que língua está escrito, se é prosa ou verso, se é histórico ou um ensaio, romântico ou realista. Entre os gêneros literários encontrados, alguns ganham mais destaque que outros no aprendizado e no fazer biblioterapêutico, como os contos, a literatura fantástica, a poesia, a fábula e a literatura de autoajuda. No entanto, o valor biblioterapêutico da obra não é definido segundo rotulações, mas segundo análise a respeito de seu valor narrativo.

Os contos de fadas, por exemplo, têm seu papel no desenvolvimento das crianças comprovado em diversos estudos, além de serem preferidos de crianças, adolescentes e até mesmo adultos. Este papel se dá, sobretudo, a respeito da capacidade de simbolizar que os contos proporcionam. Segundo Radino (2003) a criatividade, a fantasia e a imaginação tornam o ser humano mais autônomo e independente. Para Machado (1994, p. 44) “Fadas: são os seres que fadam, isto é, orientam ou modificam o destino das pessoas. Fada é um termo originado do latim *fatum*, que significa destino”.

Nos contos de fada “Cavalga-se uma baleia e enfrenta-se um tubarão. Nasce assim espontaneamente, uma visão que se apoia no real e dele se liberta assim se desperta a exaltação de viver. A criança apropria-se do real sem que este se volte contra ela”. (POSTIC, 1993, p.23).

Ainda para Ouaknin (1996, p.98, 99 apud CALDIN, 2001) o fundamento filosófico fundamental da biblioterapia é a “identidade em movimento” ou a “identidade dinâmica”, uma vez que ao ler ou ouvir uma história o leitor tem a possibilidade de viver uma “identidade de não lugar”, modificando sua história presente na identidade estável. Têm-se, assim, a existência da alteridade e a criação de novos sentidos.

5.6 AS VERTENTES TEÓRICAS DA BIBLIOTERAPIA

Em sua tese, Shrodes (1949) identifica dois tipos de literaturas úteis para biblioterapia: a didática que funciona como “*instructional and educational literature designed to facilitate a change within the individual through a more cognitive understanding of the self*” e a imaginativa como “*dramatic presentation of human behavior through fiction, poetry, plays, and biographies*”(HENDRICKS et. al., 1999, 125 apud MALTEZ 2011, pg. 22).

Assim como identificou Shrodes (1949), muitos autores apresentaram duas principais vertentes de aplicação e estudo da biblioterapia, sendo tratadas de forma corrente como: cognitiva e afetiva (SHECHTMAN, 2009). A teoria cognitiva envolve o tratamento com uso de livros de autoajuda, não ficcionais, e que utiliza pouquíssimo ou nenhum contato com o biblioterapeuta, enquanto na teoria afetiva se faz uso de literatura ficcional de alta qualidade e requer o envolvimento do biblioterapeuta.

O foco dessa pesquisa será voltado para a teoria afetiva, pois como afirma Corr (2013 apud SHECHTMAN, 2009):

Stories are helpful in offering insight into personal problems (Forgan, 2002) through the creation of a safe distance, bringing the child and adolescent indirectly to the edge of sensitive issues, issues that are threatening, and probably too painful to face directly.

O uso da literatura de autoajuda atua diretamente no experienciador, pois o conduz a abordagem direta de determinado conflito ao mesmo que aponta soluções. Já o uso da literatura de ficção possibilita ao leitor a identificação através da observação de determinado conflito de modo afastado, em outrem – no caso os personagens. Essa projeção pode levar o leitor a reflexões, individuais ou auxiliadas pelo biblioterapeuta,

sobre determinados aspectos, fazendo-o criar suas próprias pontes de transposição. Visto isso, a ficção possui uma linguagem metafórica, indireta, que instiga a imaginação. Na ficção o mundo imaginário existe sem restrições e sobressai perante a realidade cotidiana.

5.7 O PROCESSO BIBLIOTERAPÊUTICO

Durante a leitura “toda pessoa ao ler constrói um texto paralelo intimamente relacionado ao texto que está sendo lido.” (FERREIRA, 2009). Segundo o mesmo autor (FERREIRA, 2009), um texto pode ser compreendido em três níveis: fazer sentido, entendimento cognitivo e empatia completa.

A dinamização e a ativação da linguagem levam a dinamização e ativação existencial do experienciador da biblioterapia, construindo assim o método biblioterapêutico. O diálogo é o fundamento da biblioterapia. A identificação, seleção, apresentação e acompanhamento são etapas que devem ser consideradas pelo biblioterapeuta.

Rhea Joyce Rubin (apud MALTEZ, 2011) bibliotecária e formadora de técnicos na área das bibliotecas defendeu a importância do diálogo e discussão após a leitura do livro e estabeleceu três categorias biblioterapêuticas: a institucional, realizada entre pacientes e médicos numa instituição médica; a clínica, entre um leitor com problemas emocionais ou comportamentais; e o professor biblioterapeuta tendo o apoio de um técnico especializado e de desenvolvimento.

Definiram-se três tipos de terapia da leitura: a de crescimento – que tem como objetivo a diversão e a educação, a factual – que objetiva informar e preparar o paciente para o tratamento hospitalar, e a imaginativa – que objetiva trabalhar as problemáticas emocionais do leitor. Shrodes (1949) defendeu que ao ler acontece à psique do leitor a introjeção – o momento da absorção de certos objetos pelo ego, e a projeção – quando a dor do ego é exteriorizada, como considera a seguir:

It is our emotional involvement with fictional characters that causes them to influence us with lasting motivations. By affecting us emotionally and intellectually, they [literary works] allow us to feel, give us understanding of our and others feelings, and make us more sensitive to these feelings and ourselves. In this way, we gain an emotional awareness that transforms us and gives us the motivation to change ourselves (LERNER e MAHLENDORF apud HENDRICKS, et al., 1999, p.130 apud MALTEZ, 2011, pg. 25)

Ao se basear na abordagem psicanalítica Freudiana, Caldin (2001, apud NASCIMENTO e ROSEMBERG, 2007, p. 5) estabeleceu as fases do tratamento biblioterapêutico: a primeira é a fase da *identificação* do leitor com o personagem; a

segunda fase é a de *projeção* em que “o indivíduo transfere para outro - pessoa ou objeto- as ideias e sentimentos que podem ser familiares a ele”; a terceira fase é a *catarse*, em que ocorre o envolvimento emocional do leitor na história, onde acontece “descarga de ideias e emoções, que se libertam do inconsciente para o consciente”; a quarta e última fase se refere ao *insight* e “o paciente, neste instante, parte para a discussão construtiva de seus sentimentos e de suas idéias”.

A catarse, no ato da leitura, transforma-se em “prazer do texto” (BARTHES, 1999). Mas além deste prazer, o livro permite ao leitor, por identificação e “cooperação textual” (ECO, 2002), por participação e apropriação (JAUSS, 1975) e projeção (ISER, 1975), a descoberta de uma segurança emocional, uma alternativa à realidade, uma catarse dos conflitos e agressividade, um sentimento de pertencimento, um conhecimento de outras culturas, valores pessoais, superação das dificuldades, etc. (QUAKNIN, 1997, p. 18 apud PINTOS, 1991)

Caldin (2001) estabeleceu que o processo biblioterapêutico permite ao indivíduo: verificar que há solução para o seu problema; verificar suas emoções em paralelo às emoções do outro; ajudar a pensar na experiência vicária em termos humanos e não materiais; proporcionar informações necessárias para a solução dos problemas; encarar a sua situação de maneira realista subsidiando-o na condução da ação.

Alice Bryan (1939 apud PINTOS, 1991) estabeleceu em seu artigo *Can there be a science of bibliotherapy?* uma lista de benefícios da biblioterapia, como apontado abaixo:

- Desenvolver maturidade
- Alimentar e sustentar a saúde mental
- Proporcionar ao paciente a sensação de que ele não é o primeiro a passar pelo problema identificado
- Permitir que possa ver a existência de soluções para seu problema
- Ajuda-o a perceber valores e motivações básicas de pessoas em situações semelhantes
- Oferecer dados necessários para a solução do problema
- Encorajá-lo a planejar e executar um trajeto construtivo de ação

5.8 O PROFISSIONAL BIBLIOTERAPEUTA

A biblioterapia é utilizada em vários campos da área de Saúde e de Educação. Na Psiquiatria seu uso ocorre desde 1800 e na Psicologia ganhou destaque por volta de 1946. Devido a seu grau multidisciplinar, a biblioterapia vem sendo realizada por quatro principais profissionais: psicólogo, educador, bibliotecário e assistente social.

O neurologista Robert Sclabassi (apud MALTEZ, 2011), em 1973, em seu artigo *Literature as a therapeutic tool: a review of the literature on bibliotherapy* identifica quatro níveis em que a biblioterapia pode atuar, sendo eles: o nível intelectual, o social, o emocional e o comportamental. Quanto às áreas profissionais, Sclabassi (1970 apud PINTOS, 1991) aponta quatro, sendo elas: medicina geral – aplicada em hospitais por bibliotecários em conjunto com os médicos; psiquiátrica – aplicada em clínica no tratamento de pacientes juntamente a outras técnicas biblioterapêuticas; educacional – aplicada no nível educacional com diversos propósitos; e corretiva – aplicada a delinquentes por pesquisadores da área. Cristina Maltez (2001) reúne a explicação sobre os quatro campos na utilização de biblioterapia, como citado abaixo:

General medical (bibliotherapy applied in the medical field, by a skilled hospital librarian or by a librarian in conjunction with other medical professionals), psychiatric (bibliotherapy applied in hospitals and clinics used in conjunction with other treatment techniques), education (bibliotherapy used for various purposes and at all levels of education), and corrections (books used with violators by corrections researchers) (HENDRICKS et. al., 1999, p. 126 apud MALTEZ, 2011)

A irmã Mary Agnes Hickey, na Florida, durante os anos de 1960, foi a primeira a aplicar a biblioterapia na educação de crianças. A partir daí, a biblioterapia foi começando a ser introduzida nas escolas (MALTEZ, 2011). A biblioterapia é também normalmente aplicada em escolas, prisões, em casas de repouso, asilos, orfanatos e hospitais. A aplicação da biblioterapia ocorre com frequência em instituições de saúde, como hospitais, clínicas, organizações de saúde mental, e é aplicada através de programas bem estruturados que envolvem psicoterapeutas, médicos e bibliotecários, como afirma Marcinko (1989 apud FERREIRA, 2008).

A biblioterapia pode ser trabalhada em determinados transtornos psíquicos e emocionais, sendo eles: vícios, alcoolismo, raiva, ansiedade - crise do pânico, estresse, estresse traumático e fobia social, insegurança, luto, abuso sexual infantil, demência, depressão, depressão pós-parto, separação, bullying, bulimia, anorexia nervosa, obsessão compulsiva, problemas de relacionamentos e autoestima. (DUBLIN CITY PUBLIC LIBRARIES, 2013)

5.9 O BIBLIOTECÁRIO COMO BIBLIOTERAPEUTA

O bibliotecário, além de exercer as atividades tradicionais de gestor da informação, também atua constantemente como agente cultural e agente social por ser o mediador entre a informação e o leitor. A atuação do bibliotecário como biblioterapeuta

se dá através da mobilização do profissional em prol de programas que explorem o conteúdo e o sentido contidos nos livros.

O terapeuta é a fusão do médico e do filósofo, que cuida da alma, do psiquismo. Ferreira (2008) indica que o “envolvimento do bibliotecário varia em nível e grau, de acordo com sua formação. Sendo também psicólogo, com formação específica poderá coordenar o processo atuando integralmente como biblioterapeuta”.

Segundo Silva (2011) o biblioterapeuta é um profissional bibliotecário com formação para promover a leitura como um instrumento terapêutico e que atua em outros âmbitos da sociedade, interagindo em ambientes de trabalho com diversos profissionais, tais como o psicólogo, o pedagogo, o psicoterapeuta. Na prática biblioterapêutica, o bibliotecário pode utilizar de algumas ferramentas, como a cotação de histórias, a brinquedoteca, a musicoterapia e o teatro de fantoches.

Para Pereira (2000, p.657) a biblioterapia deve ser ministrada por um bibliotecário habilidoso, profissionalmente treinado, dentro das propostas e finalidades prescritas. A prática do bibliotecário na biblioterapia se difere de sua prática comum, pois como explica FERREIRA (2008, pg. 39):

Em vez de uma transferência horizontal da informação, há uma visão transacional da leitura, que envolve o relacionamento bibliotecário/usuário, os materiais selecionados, e as respostas que eles provocam no usuário de acordo com seu potencial e características específicas, sendo necessário para sua aplicação em conhecimentos específicos de Psicologia e atuação interdisciplinar.

Dessa maneira, o contato que o bibliotecário tem com a diversidade do acervo, o estudo de usuário, o serviço de referência, além da familiaridade com leitura, torna-o predisposto à aplicação da biblioterapia. No entanto, assim como na Psicologia, o profissional de Biblioteconomia que queira trabalhar como biblioterapeuta deve se especializar, além de acumular conhecimento prático, se mobilizando através de projetos.

6 O PROJETO DE BIBLIOTERAPIA NA UNIÃO DAS OPERÁRIAS DE JESUS

Com o embasamento teórico a respeito da biblioterapia, será estruturada uma proposta de projeto de biblioterapia no pensionato União das Operárias de Jesus (UOJ), localizado no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro – RJ. A UOJ é uma instituição com uma longa história de assistência social na Zona Sul do Rio de Janeiro e conta uma bibliotecária voluntária que atua na construção e na manutenção da biblioteca da instituição, que hoje atende as crianças do Colégio Imperial que cursam até o 9º ano.

Para melhor compreensão da história e do impacto social da UOJ, segue uma breve apresentação da instituição, seguida da proposta do projeto.

6.1 A UNIÃO DAS OPERÁRIAS DE JESUS

A União das Operárias de Jesus, fundada em 1934, é uma casa de crianças carentes e uma Instituição filantrópica sem fins lucrativos. Desde sua fundação tem trabalhado para assegurar a inúmeras crianças e adolescentes o direito à cidadania e o respeito como seres humanos.

Atualmente, a União abriga em sua sede cerca de 70 crianças, de ambos os sexos. Funciona com apoio de voluntários e um corpo de funcionários dedicados, com a finalidade de dar apoio e carinho às crianças em estado de fragilidade social.

6.2 MISSÃO

O trabalho realizado na União consiste na prevenção de desamparo, acolhendo crianças em situação de risco social com o objetivo de garantir o desenvolvimento pessoal e social, a integridade física, psicológica e moral das mesmas.

São acolhidas crianças na idade de 3 a 7 anos, que recebem instrução, desde a pré-escola até a conclusão do curso médio, através também do auxílio de bolsas de estudo do Colégio Imperial, que funciona no mesmo endereço. A União também oferece assistência médica, dentária, psicológica, religiosa, serviço de fonoaudióloga e ajuda com o estudo dirigido.

Em nota honrosa, a União declara que “se orgulha de ter contribuído para a formação de médicos, engenheiros, administradores de empresas, dentre outros.”

6.3 HISTÓRIA

Em 1934 no Rio de Janeiro, então capital da república, a Sra. Clotilde Guimarães, pertencente à alta sociedade carioca da época, dá início a atividade de abrigar crianças desamparadas em sua casa. Sua principal motivação veio da perda de suas três filhas, que a fez abrigar as filhas de sua lavadeira que haviam se tornado órfãos. Aos poucos, Sra. Clotilde foi despertando, com seu exemplo, o desejo em outras senhoras de mesma classe e círculo social a praticarem o acolhimento a desamparados.

Conforme a atividade crescia, Sra. Clotilde alugou uma casa no Bairro de Botafogo, na Rua Voluntários da Pátria, e o consagrou como um espaço para acolhimento de menores desamparados, nomeando-o de União das Operárias de Jesus devido a sua fé católica. A inspiração para o nome e a missão da União veio do texto bíblico no Evangelho de São Lucas, capítulo 10.2: “Grande é, em verdade, a seara, mas os operários são poucos; rogai pois ao Senhor que envie operários para a sua seara.”

A iniciativa da Sra. Clotilde foi integralmente particular, sem auxílio oficial do governo. No período em que foi fundada, ainda não existia nenhuma organização formal no Rio de Janeiro que praticasse esse tipo de assistência a grupos sociais desfavorecidos. Segundo publicação no jornal *Correio da Manhã* de 04 de Fevereiro de 1965, Sra. Clotilde fundou a UOJ com 132 mil réis advindos da venda de uma enceradeira elétrica – utensílio doméstico ainda raro na época. Em 31 de Dezembro de 1943 foi assinada a escritura do imóvel de Botafogo, local em que ainda hoje está situada a UOJ. Nessa ocasião a UOJ conseguiu a isenção do Imposto de transmissão e em 1948 a instituição passou a receber subvenção do governo.

A instituição recebe doações de pessoas jurídicas e pessoas físicas, que adotam um projeto para financiar e que se tornam madrinhas e padrinhos das crianças. Os quartos do prédio da UOJ são alugados para estudantes estrangeiros e demais que procuram estadia, funcionando como um pensionato. O valor dos aluguéis também é revertido para a UOJ.



Imagem 1- Placa no refeitório com identificação do recurso financeiro para reforma.

A UOJ desde o início de seu funcionamento procurou atender desamparados de todas as idades, porém nos dias atuais foca sua atenção nos menores desamparados. Assim, a União das Operárias de Jesus segue com suas atividades por mais de 80 anos.

6.4 INÍCIO DAS ATIVIDADES

As atividades na União das Operárias de Jesus foram oficializadas em 28 de Fevereiro de 1936, mas tiveram seu início em 1934. Em seu estatuto constava a finalidade de “socorrer a velhice desamparada e amparar a infância desvalida, sob a forma da mais ampla e salutar projeção social”.

Em 1942 a UOJ tinha várias linhas de atendimento: o Asilo Netinha Guimarães, a Escola Dr. Bezerra de Menezes, o Dispensário Mariazinha Guimarães e o Berçário Pêrsio G. Azevedo. Também manteve posteriormente durante dois anos um Lactário, que fornecia leite a mães sem recursos. A UOJ funcionava como uma espécie de creche para bebês, com atendimento médico e distribuição de remédios para crianças e adultos e um abrigo para idosos. Ao longo de seu desenvolvimento, chegou a ter três filiais no Estado do Rio de Janeiro: uma em Petrópolis, outra na Estrada Rio Petrópolis, em Duque de Caxias e uma terceira em Niterói. Em 1941 uma delas funcionou em terreno doado, pela

empresa Dahne e Conceição, fato que foi amplamente noticiado pela imprensa. Conforme o tempo e as dificuldades essas filiais deixaram de existir.

A UOJ procurou durante sua história realizar diversas atividades de auto sustento, como a venda de frutas, verduras e aves da filial de Petrópolis. Durante algum tempo, manteve um Instituto Profissional onde havia oficinas, como as de marcenaria, bordado, culinária e sapataria, que confeccionava sapatilhas que se transformavam em renda para a instituição.

6.5 RELAÇÕES PÚBLICAS

Desde seu início, a Diretoria da UOJ estabeleceu uma relação expressiva com a comunidade social e política do Rio de Janeiro. Órgãos como o Gabinete da Presidência da República, a Legião Brasileira de Assistência, o Comitê de Auxílio às Vítimas dos Atentados do Eixo, o Juizado de Menores, a Delegacia de Menores Abandonados, o Serviço Social da Prefeitura, a Curadoria de Órfãos, a Inspeção do Trabalho de Menores e o Distrito Educacional da Prefeitura trabalhavam em parceria com a UOJ, encaminhando-a crianças desamparadas na década de 40.

As crianças abrigadas pela UOJ participavam de eventos sociais, com certa frequência. O jornal Diário da Noite de 01 de Maio de 1942 noticiou a participação de crianças da UOJ nas comemorações do Dia do Presidente- dia 19 de abril, dia do aniversário de Getúlio Vargas. Representantes da diretoria da UOJ compareceram ao jornal para apoiar atitudes do Sr. Juiz de Menores em favor da infância desvalidas, e também possuíam o costume de enviar votos de Boas Festas ao jornais no fim do ano, como uma maneira de se fazer lembrada.

Em 1948 a UOJ inaugurou a Capela de Jesus Crucificado, com missa rezada pelo Cardeal D. Jaime de Barros Câmara. As crianças da União, na época, também tinham oportunidade de aprender, conhecer e conviver com representantes da elite intelectual, como o advogado, jornalista e político Assis Chateaubriand, homem muito influente na época e um dos grandes protetores da instituição, assim como o poeta, diplomata e vereador Paschoal Carlos Magno, e através da influência desses dois, as crianças puderam conhecer os escritores Monteiro Lobato e Menotti del Picchia, além de conviver com os atores Sérgio Cardoso, Inez de Castro e Sérgio Brito.



Imagem 2- A Capela de Jesus Crucificado em 2014.

6.6 DIVULGAÇÃO E VISIBILIDADE

A União das Operárias de Jesus se fazia presente na imprensa da época, desde os primeiros anos de suas atividades. Geralmente eram noticiadas: campanhas de arrecadação de brinquedos e presentes para o Natal; a presença das crianças em eventos sociais como missas e homenagens públicas; aparições artísticas como concertos de piano, violino e espetáculos de dança. Noivados e casamentos realizados na capela da UOJ também eram noticiados.

Em 1943 a União foi retratada no cinema com o filme *Educar para enfrentar a vida* sobre as atividades da União um documentário de 6 minutos, em preto e branco, produzido pelo Ministério da Educação e Saúde, pela Federal Filmes e por Nelson Schult. Foi distribuído pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo- INCE e exibido em alguns cinemas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Existiu ainda outro filme, realizado em 1955, que se considera ter sido feito apenas como registro sob o título de Cinejornal Carriço e consta no site da Cinemateca Brasileira a ficha de um filme sonoro, documentário, de 2 minutos de duração. A película é de 35 mm, são 24 quadros, em preto e branco e foi produzido em Juiz de Fora, MG. Refere-se ao casamento realizado na Capela do Sagrado Coração, da UOJ, em 15 de Outubro de 1955. O filme foi produzido pela produtora

Carriço Filme, o produtor João Gonçalves Carriço e o diretor de fotografia Manuel Gonçalves Carriço. A sinopse diz: "Enlace de uma Operária de Jesus", Casamento de Marilda e Fausto Cabral Barbosa Ribeiro na Capela do Sagrado Coração, no Rio de Janeiro; d. Clotilde Guimarães, "mãe espiritual" da noiva, é a criadora e dirigente da União Operárias de Jesus.

Devido à visibilidade que a UOJ possuía, a União em alguns momentos chegou a receber mercadorias apreendidas pela Receita Federal que eram doadas aos internos, quando poderiam ser úteis, como brinquedos e alimentos. A imprensa se ocupava ainda das doações especiais, como as de um terreno, um consultório dentário completo, instrumentos musicais como um violino e as conseguidas através de atividades sociais, como rifas, bingos, leilões de cavalos, chás dançantes, espetáculos beneficentes etc. Em 1966 a UOJ a milionária Carmen d'Almeida beneficiou a UOJ em seu testamento.

6.7 ATIVIDADES EDUCACIONAIS

As crianças abrigadas recebiam ensino dentro da instituição, mas muitas delas também recebiam bolsas em colégios como o Colégio Pedro II, Colégio Andrews, Colégio Mallet Soares, Externato Mello e Souza e Liceu Franco-Brasileiro. Já em 1949 a UOJ funda seu próprio colégio nomeado Maria José Imperial, que também era aberto à comunidade mediante pagamento de mensalidades. O nome do colégio, que já existia internamente como Colégio Imperial, passou a ser Ginásio Maria José Imperial, em homenagem a uma professora, benfeitora e colaboradora da UOJ.

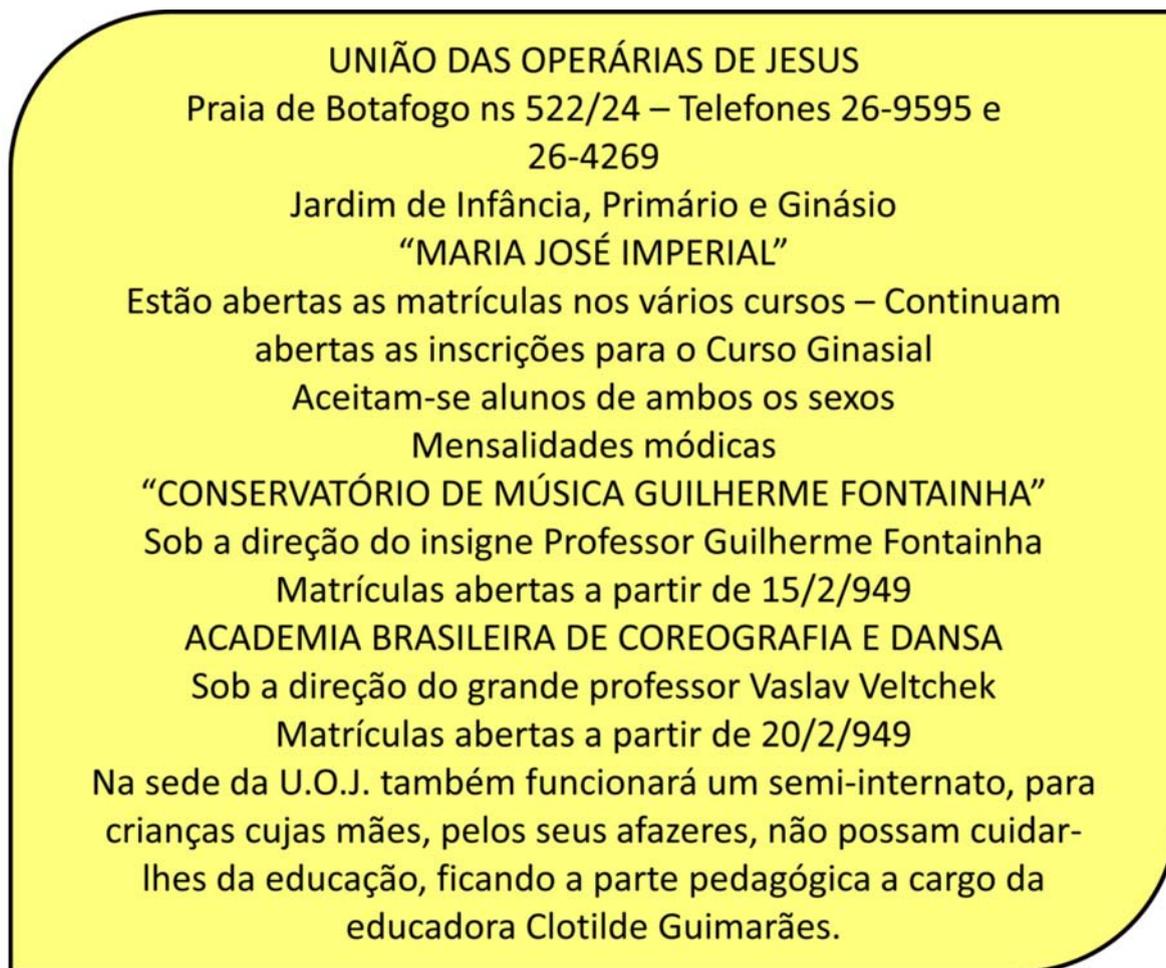


Imagem 3- Representação de anúncio publicado no Jornal do Brasil em 19 de Fevereiro de 1949.

O Colégio Maria José Imperial oferecia ensino para os internos da UOJ e para os alunos pagantes. Houve um período em que chegou a distribuir bolsas de estudo, conforme em anúncio publicado no Correio da Manhã de 21 de Fevereiro de 1953:

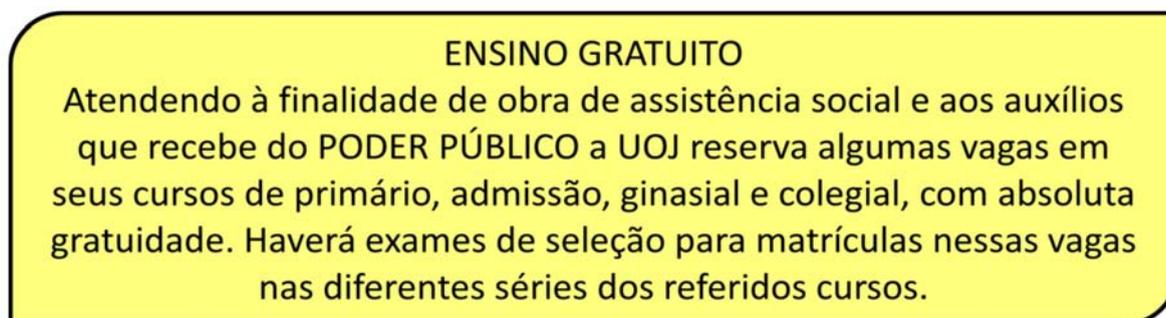


Imagem 4 - Representação de anúncio publicado no Correio da Manhã em 21 de Fevereiro de 1953.

Em 1983 o Colégio Imperial precisou vender sua patente devido a medidas de contenção de renda. Ainda assim as crianças abrigadas permaneceram com suas bolsas integrais, e hoje desfrutam de todo espaço do colégio, como a biblioteca, a sala de informática, a brinquedoteca, sala de estudo dirigido, sala de multimídia, entre outros.



Imagem 5- Sala de multimídia.



Imagem 6 - Pátio da UOJ

6.8 DADOS

Quadro 1- dados quantitativos de crianças atendidas na UOJ

Crianças	Quantidade
Meninas	37
Meninos	33
Total	70

Quadro 2 - dados quantitativos de número de funcionários e voluntários da UOJ

Tipo de vínculo	Quantidade
Voluntários	21
Funcionários	25

- Tabela de Voluntários: Cargo x Quantidade

Quadro 3 - especificação e quantidade de voluntários por cargo

Voluntários	Quantidade
Diretores	5
Presidentes	2
Vice presidentes	2
Cuidadores	2
Arquivistas	2
Bibliotecários	1
Estagiária de Biblioteconomia	1
Outras funções	6
Total	21

6.9 A BIBLIOTECA DA UOJ

Em 2011, o espaço que antes servia como depósito começa a se tornar uma biblioteca com esforços da atual bibliotecária, e voluntária da UOJ, Maria Luiza. A UOJ contava, na época, com outra bibliotecária, mas que se ocupava com a organização da memória e arquivos da União – do qual foi possível basear grande parte do trabalho aqui apresentado.



Imagem 7- Cartaz feito pela estagiária e colado a porta de entrada da biblioteca



Imagem 8- Visão frontal da biblioteca da UOJ

Desde seu início a biblioteca compõe seu acervo através de doações, e atende tanto as crianças quanto os funcionários e voluntários da UOJ.

6.9.1 O acervo

A biblioteca da UOJ é composta por livros infantojuvenil e didáticos. Hoje conta com cerca de 1.344 exemplares organizados segundo a Classificação Decimal Universal (CDU) adaptada para a literatura infantojuvenil e com auxílio de fitas coloridas de acordo com cada temática para maior acessibilidade das crianças. Segundo a bibliotecária, as crianças participaram das escolhas das cores das fitas, dizendo qual cor remetia mais a uma temática.

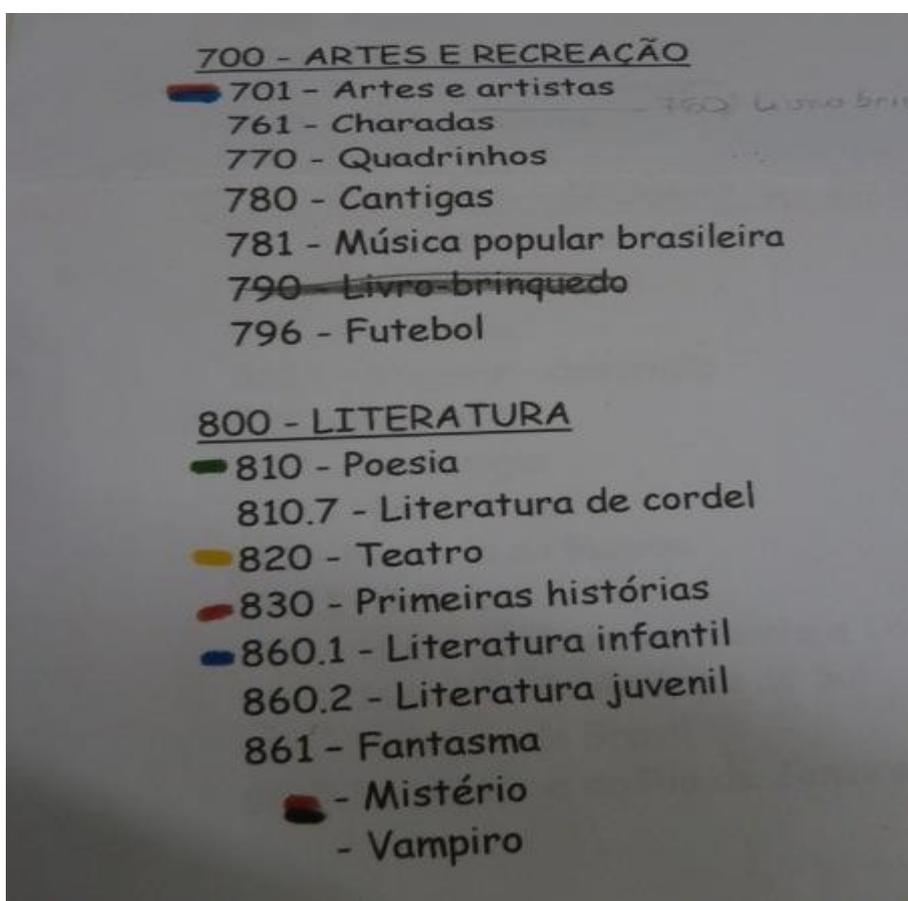


Imagem 9- Documento da CDU adaptada e das cores de fitas correspondentes ao tema.



Imagem 10- Setor de poesia organizado pela CDU adaptada e indicação da fita

O acervo da biblioteca da UOJ recebe doações, entre outras, de parcerias criadas pela bibliotecária com membros do júri da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), que recebem muitos livros de editoras e doam a biblioteca. Além disso, muitas vezes a bibliotecária também faz doações para a biblioteca. Outra preocupação da bibliotecária é quanto à relação espaço-acervo da biblioteca. Para evitar a falta de espaço, são realizados descartes e os livros são doados para funcionários e pais das crianças.

6.9.2 As atividades realizadas na biblioteca da UOJ

São realizadas atividades de leitura com as crianças, como: mediação de leitura, exposições sobre o acervo e desenhos motivados pela leitura. A biblioteca também serve como espaço para as crianças fazerem a lição de casa, ainda que tenha outros espaços para tal finalidade, como a sala de leitura dirigida.

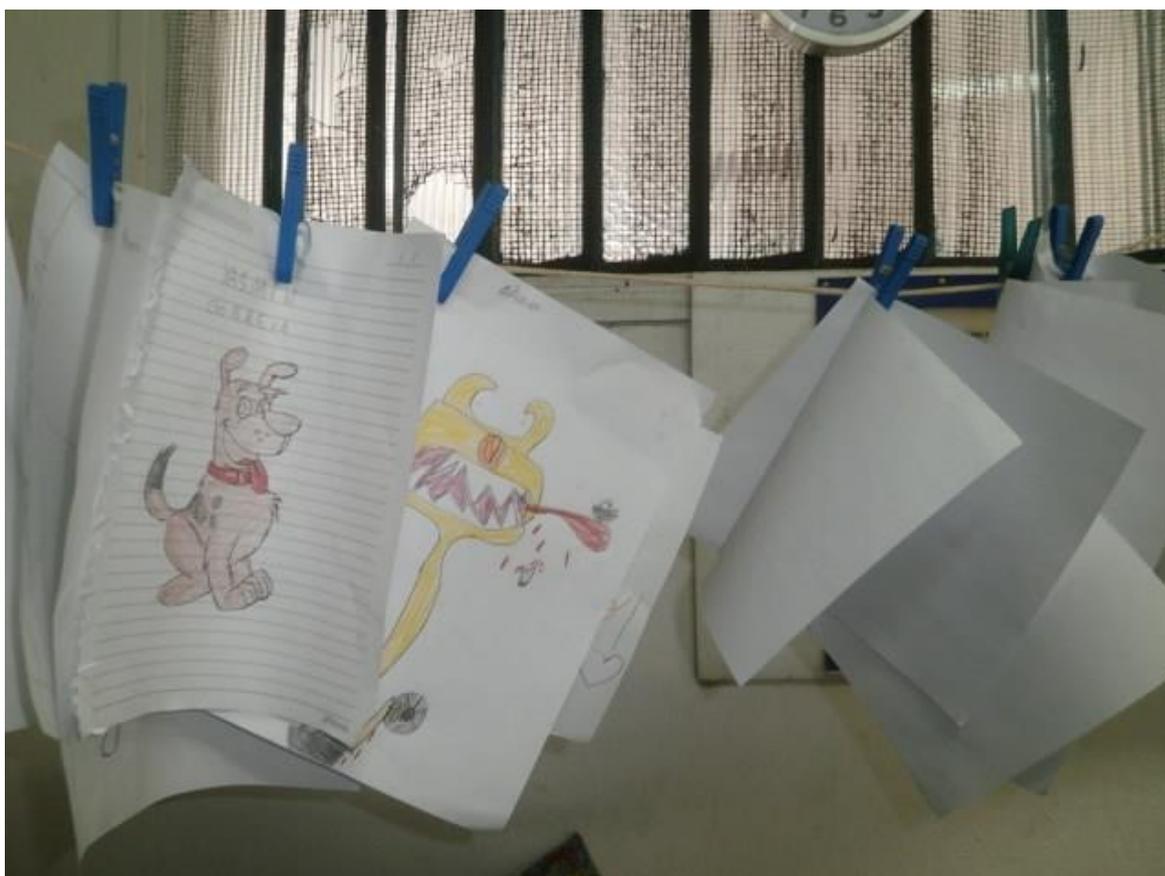


Imagem 11- Exposição na biblioteca de desenhos das crianças

A bibliotecária afirma que procura sempre observar o interesse das crianças e explorar temas do momento, apresentando livros e sugerindo leituras. Durante a Copa do Mundo, por exemplo, ela apresentou livros que tratavam sobre o assunto, sendo um grande sucesso entre as crianças. Às vezes o tema surge durante a conversa das crianças na biblioteca. Em uma das vezes, elas conversavam sobre faltar água no mundo, e a bibliotecária aproveitou para mostrar livros sobre a água e a natureza.

A bibliotecária Maria Luiza diz que “O mais importante é apresentar o livro as crianças, porque muitas delas não têm acesso em casa. Elas ficam fascinadas.”

As crianças podem se interessar por temas inesperados, como culinária. De acordo com a faixa etária, surgem temas preferidos. As meninas do 9º ano, entre 13 e 14 anos, preferem romances atuais, autores como Thalita Rebouças. Os adolescentes dessa mesma faixa etária se interessam também por livros sobre sexualidade e sobre artistas.



Imagem 12- Acervo de sexualidade e culinária

6.10 ASSISTÊNCIA MÉDICA E PSICOLÓGICA

A União conta com dois psicólogos que, entre outras atividades, trabalham com as crianças através de brincadeiras, jogos e leituras.

Além de psicólogos, as crianças também recebem tratamento com fonoaudiólogos, assistentes sociais e dentistas.



Imagem 13- Sala de assistência

6.11 SITUAÇÕES PROBLEMÁTICAS DAS CRIANÇAS

As crianças da UOJ enfrentam dificuldades sociais como o relacionamento com outras crianças e com os pais. Muitas apresentam dificuldades de obedecer a regras e limites.

7 ESTRUTURA DO PROJETO

7.1 APRESENTAÇÃO

O projeto de intervenção “É uma proposta de ação a partir da leitura da realidade, considerando o contexto nas suas várias expressões: social, político, ideológico, cultural, econômico, político.”(ALMEIDA)

Dessa forma, o projeto de Biblioterapia na União das Operárias de Jesus (UOJ) surge como possibilidade de oferecer as crianças atendidas o encontro com a literatura, e o desenvolvimento pessoal que a leitura é capaz de proporcionar.

Hoje a UOJ conta com uma biblioteca e uma profissional bibliotecária que desenvolve atividades diversas com as crianças. Muitas dessas crianças apresentam quadro de carência familiar e educacional, sendo de grande valor a assistência dada a essas crianças pela instituição. A biblioterapia será utilizada como modo auxiliar na remediação de questões psicossociais com as crianças a partir da leitura guiada e da discussão de conteúdo.

Para a realização do projeto é necessário tanto recursos humanos como materiais – muitos desses já existentes devido à presença da biblioteca na instituição. O projeto deverá ser realizado em parceria entre a bibliotecária e o psicólogo da instituição, uma vez que um possui o conhecimento do acervo e o outro o conhecimento das dificuldades enfrentadas pelas crianças.

O cronograma do projeto lista as etapas necessárias para o cumprimento das metas, e os questionários evidenciaram a eficiência das ações e a reestruturação de pontos ineficientes. A proposta pretende servir de base para a criação e continuidade do projeto Biblioterapia na UOJ com foco nos resultados positivos dessa prática de intervenção.

7.2 JUSTIFICATIVA

A biblioterapia como ciência e técnica tem demonstrado sua contribuição à sociedade como terapia complementar e alternativa em diversas culturas e espaços sociais. Dessa maneira, o projeto Biblioterapia na UOJ trata-se da tentativa de iniciar no Rio de Janeiro uma atividade que ocorre geralmente em ambientes hospitalares.

Como organização que ampara crianças em fragilidade social, muitas das crianças atendidas na UOJ fazem parte de um círculo social em que a leitura é muito pouco frequente e pouco incentivada. Reunido a este fato, muitas delas também enfrentam desamparo familiar e social.

Na UOJ são oferecidos diversos tipos de atividades e auxílios as crianças, como: acompanhamento psicológico, atividade física, o ensino escolar, o acesso a informação e a

biblioteca. Dessa maneira, a aplicação da biblioterapia pretende somar a essas atividades, levantando reflexões e ajudando a criança a se identificar perante o meio ambiente, como forma de promover a leitura, o conhecimento e a inclusão social.

7.3 OBJETIVOS DO PROJETO

Objetivo geral: o projeto tem como objetivo geral contribuir para o desenvolvimento pessoal das crianças assistidas pela UOJ.

Objetos específicos: é objetivo do projeto promover na criança a prática e o prazer pela leitura; tornar o ato de ler um momento de encontro e reflexão, através das ficções literárias, sobre as situações cotidianas; conduzir a criança, através do conhecimento, à identificação em histórias e personagens que auxiliem no processo de identidade social e comportamental; reduzir as problemáticas enfrentadas pelas crianças pela abordagem literária de assuntos; tornar a prática da biblioterapia conhecida e frequente.

7.4 PÚBLICO ALVO

O público-alvo do projeto Biblioterapia na UOJ são as crianças, entre as setenta crianças até o 9º que são acolhidas pela instituição, que apresentam dificuldades emocionais e comportamentais em que a biblioterapia poderá atuar como modificadora.

- Partes interessadas

As partes interessadas no projeto biblioterapia na UOJ são: a bibliotecária, os psicólogos, os gestores da UOJ, os funcionários da área de educação da UOJ e as crianças.

7.5 METAS A ATINGIR

Algumas das metas a serem atingidas com o projeto são:

- Trabalhar a biblioterapia por mês com no mínimo três crianças
- Criar uma equipe de biblioterapia formada pela bibliotecária e pelos psicólogos da UOJ
- Aumentar a procura por empréstimos de livros e leitura na biblioteca por parte das crianças
- Verificar melhor desenvolvimento escolar
- Constatar uma redução dos problemas de relacionamento da criança na UOJ e na família

- Tornar a biblioteca da UOJ também um espaço para o diálogo e reflexões em grupo
- Constatar na criança a capacidade de lidar melhor com questões específicas tratadas

7.6 METODOLOGIAS

7.6.1 Metodologia de aplicação

O primeiro passo a ser dado é estudar as problemáticas a serem trabalhadas com a criança ou com o grupo de crianças. Os responsáveis pelo estudo são a bibliotecária e os psicólogos. Cabe ao psicólogo identificar a problemática, registrá-la e informá-la a bibliotecária. Com as informações necessárias e o conhecimento do acervo, a bibliotecária deve ser capaz de selecionar os livros que melhor explorem a problemática a ser trabalhada. A bibliotecária deve dar a oportunidade de a criança escolher entre dois ou mais livros selecionados, podendo mudar a leitura quando a criança não sentir interesse pela história.

Antes da atividade de biblioterapia, a bibliotecária – com ajuda do psicólogo quando se fizer necessária- deverá elaborar um roteiro de leitura, abordagem e discussão de assuntos através da pré-leitura individual da obra. Dependendo do tamanho e da relevância da obra, poderá ser realizada a leitura integral ou a leitura fragmentada em que trabalhará apenas com partes do livro.

Cada sessão de biblioterapia acontecerá com a presença da bibliotecária, de um psicólogo e de uma criança ou um grupo de crianças. Independente do número de crianças, sempre ocorrerá discussões a respeito dos assuntos, estimulando a participação da criança com perguntas e outras técnicas.

O tipo de material será predominante fictício e a abordagem será indireta. Ou seja, a discussão dos assuntos se dará dentro da trama, envolvendo a criança com a história e os personagens, proporcionando, assim, o fazer biblioterapêutico.

7.6.2 Metodologia de controle

A avaliação será aplicada tanto aos profissionais envolvidos quanto as crianças contempladas e também facultativamente aos seus responsáveis ou demais envolvidos. Cada membro da equipe terá um modelo de registro que deverá conter as seguintes informações indicadas abaixo:

- Data do encontro

- Tempo de duração do encontro
- Nome do biblioterapeuta
- Aplicada () Individual () Em grupo
- Número de crianças
- Nome (s) da (s) criança (s) atendida (s)
- Idade (s)
- Problemática em tratamento
- Título do livro
- Período proposto para leitura
- Período proposto para discussão
- Número do encontro
- Observações

O registro faz parte do processo de acompanhamento das atividades, e será feito ao fim de cada sessão, permitindo melhor análise e informação para novas sessões.

7.6.3 Metodologia de avaliação

As crianças contempladas terão o seu desenvolvimento acompanhado pelo psicólogo, com sessões individuais e semanais. Ao fim de cada mês, os registros deverão ser analisados para que se corrijam as possíveis falhas e ineficiências, tanto as técnicas empregadas quanto a adequação da abordagem para casos específicos de crianças.

O psicológico deverá observar os seguintes aspectos na criança:

- A capacidade de expressar melhor o problema
- O prazer na leitura indicada
- A identificação com personagens
- A identificação com o contexto da narrativa
- A redução dos efeitos do problema

Em alguns casos, poderão ser aplicados questionários aos responsáveis pela criança, ao professor ou outrem que faça parte do dia-a-dia da criança. As perguntas obedecerão à especificidade do tema. Exemplo: se a problemática tratada com a criança for a dificuldade de respeitar limites, quando a criança tiver um responsável direto, poderá ser aplicado questionário ao responsável sobre seu desenvolvimento familiar, a fim de

apontar os resultados. O mesmo poderá acontecer em caso de mau desempenho escolar, aplicando o questionário ao professor ou pedagogo.

Parte do processo de avaliação por parte do bibliotecário ocorrerá durante a sessão de biblioterapia através de perguntas, como: a. qual personagem você mais gostou? b. qual foi o seu momento preferido do livro?; ou mesmo pedir a criança para que recontar a história - afim de verificar a adequação e o gosto da mesma pelo tipo de literatura. A bibliotecária, diante das informações das crianças, do psicológico e dos responsáveis - quando houver - deverá gerir o projeto e repensar sua atividade.

7.7 RECURSOS

- Humanos

A equipe de biblioterapia da UOJ será composta pelos psicólogos e pela bibliotecária.

Estando elencada da seguinte maneira:

- Gestor (a) do projeto: a bibliotecária.
- Colaboradores: psicólogos.

- Tempo

Cada integrante da equipe deve dispor de oito horas semanais para o projeto, sendo seis dessas oito horas para os encontros de biblioterapia com a criança, e duas para reuniões com a equipe.

- Materiais

Todos os materiais para o projeto serão aproveitados do espaço da UOJ, como: as mesas, as cadeiras, a luz elétrica etc. Os livros que farão parte da coleção para o projeto serão os livros pré-selecionados da biblioteca infantojuvenil da UOJ, e esta coleção poderá ser ampliada através de doações, permuta ou compra.

A coleção do projeto deverá ser composta por um número mínimo de três livros, tendo como principal diretriz o valor da obra para a aplicação da biblioterapia. Isso quer dizer, pode ser mais importante possuir mais de um exemplar da mesma obra trabalhada do que uma diversidade de acervo.

7.8 PARCEIROS OU PATROCINADORES

Assim como em todos seus outros projetos, a UOJ poderá realizar parcerias com instituições que queiram patrocinar o projeto. O patrocínio será eficiente nos casos de aquisições para o acervo e aperfeiçoamento da equipe do projeto por meio de cursos.

Observada a necessidade dos investimentos, a equipe poderá apresentar o projeto - desde sua justificativa a sua necessidade de recursos- inicialmente as instituições que hoje já apoiam a UOJ.

7.9 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO													
Item	Atividade	Mês											
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1	Seleção de pessoal	X	X										
2	Seleção de acervo		X	X	X	X	X	X	X	X			
3	Seleção das crianças participantes		X	X	X	X	X	X	X	X			
4	Autorização do responsável		X		X		X		X				
5	Entrevista com a criança		X	X	X	X	X	X	X	X			
6	Criação das diretrizes (tempo de aplicação, local de aplicação, forma de discussão)	X	X	X									
7	Capacitação do pessoal	X	X	X									
8	Aplicação da biblioterapia			X	X	X	X	X	X	X	X		
9	Avaliação de resultados											X	
10	Reformulação do projeto												X

Quadro 4 - cronograma de execução do projeto

7.10 ORÇAMENTO

O orçamento será necessário para a capacitação da equipe através de palestra, cursos, participação em congressos e workshops sobre a biblioterapia. Também será contabilizado o orçamento para novas aquisições. O investimento financeiro proverá por três modos: pelo caixa da União das Operárias de Jesus, por patrocínios externos de outras instituições/pessoal física. Portanto, trata-se de um orçamento focado em previsões.

Orçamento		Custo	Periodicidade
Especificação	Cursos e afins de capacitação	R\$ 1.200,00	Anual
	Compra de livros/ampliação da coleção do projeto	R\$ 600,00	Anual
	Total	R\$ 1.800,00	

Quadro 5- orçamento previsto para o projeto

7.11 CONSIDERAÇÕES

A estrutura aqui exposta tem como objetivo servir de base para o interesse e criação do projeto biblioterapia na UOJ. Dessa maneira, este planejamento está sujeito à alterações e adaptações de acordo com análises da equipe e do gestor (a).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da biblioterapia é um novo campo - não por tempo de criação, mas por pouca popularidade - e que tem demonstrado agir verdadeiramente no auxílio àqueles que precisam compreender o que ainda não foi compreendido, e curar o que ainda não foi curado. O poder da palavra como ponte para a imaginação, como tradução das emoções veladas, se faz na biblioterapia seja através de romances, ficções, contos, poesias ou literaturas de autoajuda.

No ambiente hospitalar a contação de histórias ajuda o paciente a se desligar da atmosfera na qual está envolvido e embarcar em outra, o que afeta positivamente sua saúde. Quando aplicada em terapias periódicas, com leitura e discussão de conteúdo na relação biblioterapeuta e paciente, a biblioterapia proporciona uma nova abordagem de determinado problema e leva o leitor/paciente a enxergá-lo por outros ângulos, contribuindo para a reflexão e a mudança. A prescrição de boa literatura de autoajuda, como comprovado, é capaz de substituir medicamentos antidepressivos.

Devido tanto às comprovações teóricas quanto práticas da biblioterapia, é importante que as escolas de ensino superior ampliem seu olhar para o tema, implantando disciplinas e aplicações de campo, como forma de ampliar a formação do bibliotecário, assim como incentivar a prática nas bibliotecas brasileiras e mobilização de projetos.

É esperado que este trabalho contribua para esclarecer os principais conceitos sobre biblioterapia e que o projeto aqui estruturado seja implementado e utilizado na instituição escolhida.

Nota-se que o fazer biblioterapêutico é mais do que uma ação social, mas também uma ação cultural e promoção da leitura, e por isso compete ao bibliotecário. O livro pode ser um grande amigo, de custo reduzido comparado a outros recursos terapêuticos, e que contribui para o nível de linguagem e conhecimento do leitor. A biblioterapia prova que o necessário pode estar em uma frase lida, um personagem vivido, uma história ouvida e contada, e apresenta o valor da narrativa para novas abordagens.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Janaina L. **Projeto de Intervenção**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/71707827/o-que-e-projeto-de-intervencao>> Acesso em: nov. 2014
- ALVES, M. H. H. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 1/2, jan./jun. 1982.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1996.
- BAIOCCHI, Alexandre; NIEBIELSKI, Dileuza. **Psicologia e literatura: um diálogo possível**. 2011. Disponível em: <<http://www.libertas.com.br/libertas/psicologia-e-literatura-um-dialogo-possivel/>> Acesso em: maio 2014
- BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE PUERICULTURA E PEDIATRIA
MARTAGÃO GESTEIRA. **Projeto biblioteca viva em hospitais**. Disponível: http://biblioteca.ipmg.org.br/?page_id=53 Acesso em: out. 2014
- CALDIN, C. F; BUENO, S. B. A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis. v. 7, n. 1, p.157-169, 2002. Disponível em: < <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/372/445> > Acesso em: maio 2014
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **A literatura como função terapêutica: biblioterapia**. 2001. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/joaomaria/a-leitura-como-funcao-terapeutica-biblioterapia-the-reading-as-a-therapeutical-function-bibliotherapy-clarice-fortkamp-caldin-mestre-em-literatura-ufsc-2001#/>> Acessado em: maio 2014
- Doutores da Alegria**. Disponível em: <<http://www.doutoresdaalegria.org.br/conheca/sobre-os-doutores/>> Acesso em: nov. 2014
- DUBLIN CITY PUBLIC LIBRARIES . **Bibliotherapy: what is bibliotherapy?** 2013
Disponível em:
< http://www.dublincity.ie/RecreationandCulture/libraries/Library%20Services/books_and_reading/Documents/Bibliotherapy_booklet_2013.pdf >Acesso em: maio 2014
- FERREIRA, Danielle Thiago. **Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal**. *ETD-Educação Temática Digital*, 2008, 4.2.
- FOSS, Elizabeth. **Bibliotherapy: helping children cope with emotional and developmental distress through Books**. Disponível em:
<<http://www.terpconnect.umd.edu/~efoss/bibliotherapy.pdf> > Acesso em: maio 2014
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. **Projetos de leitura**. Disponível em: <<http://www.fnlij.org.br/site/projetos-de-leitura.html>> Acesso em: out. 2014

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO TOCANTINS. Pró-reitoria de Graduação. **Roteiro para elaboração de projeto de intervenção.** Disponível em: <<http://www.unitins.br/servicosocial/arquivos/estagio/anexoVII.pdf>> Acesso em: out. 2014

THE HAPPINESS CONSULTANCY. Disponível em: <<http://www.thehappinessconsultancy.co.uk/neilfrude.html>> Acesso em: out. 2014

LABORATÓRIO DE PESQUISA SOBRE PRÁTICA DE INTEGRALIDADE EM SAÚDE. **Ocupa Nise – Um Hotel e Spa da Loucura como prática de intervenção social.** Disponível em: <<http://www.lappis.org.br/site/noticias/1407-ocupa-nise-%E2%80%93-um-hotel-e-spa-da-loucura-como-pr%C3%A1tica-de-integra%C3%A7%C3%A3o-social>> Acesso em: nov. 2014

MACHADO, Irene A. **Literatura e redação.** São Paulo: Scipione, 1994

MADALENA, Críchyna da Silva. LIMA, Daiana de. et al. **Literatura e biblioterapia.** Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/daianadelima/biblioterapia>> Acesso em: nov. 2014

MALTEZ, Cristina Maria Rodrigues dos Santos. **A biblioteca escolar e a biblioterapia: relato de uma experiência.** Universidade Aberta: Lisboa, 2011.

MENEZES, Marcos Aurélio Saldanha de. **Diversidades e tipos de leitura.** Disponível em: <<http://eduqueemotive.blogspot.com.br/2011/01/diversidades-e-tipos-de-leitura.html>> Acesso em: nov. 2014

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Cadernos HumanizaSUS.** Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizaSUS.pdf> Acesso em: Nov. 2014

MUSSA, Claudia. MALERBI, Fani Eta Korn. O impacto da atividade lúdica sobre o bem estar de crianças hospitalizadas. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 10, n. 2, 2008, p. 83-93, Universidade Presbiteriana Mackenzie Brasil. Disponível em: <<http://www.vivaedeixeviver.org.br/images/stories/pesquisas/Claudia-Mussa.pdf>> Acesso em: nov. 2014

NASCIMENTO, Geovana Mascarenhas; ROSEMBERG, Dulcinea Sarmiento. A biblioterapia no tratamento de enfermos hospitalizados. **Informação & Informação**, 2007.

NATIONAL READING WELL BOOKS ON PRESCRIPTION SCHEME. Disponível em: <<http://www.booksonprescription.org.uk/about-the-scheme>> Acesso em: out. 2014

GAIMAN, Neil. *Why our future depends on libraries, reading and daydreaming.* **The Guardian**, 18 de out. 2013. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/books/2013/oct/15/neil-gaiman-future-libraries-reading-daydreaming>> Acessado em: maio 2014

OUAKNIN, Marc-Alain. *Biblioterapia*. Edições Loyola, 1996.

PEREIRA, M. M. G. Biblioterapia e leitura crítica para a formação da cidadania com os alunos do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha. In : CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: PUCRS, 2000. CD-Rom .

Pesquisa com novo Retrato da Leitura no Brasil está na pauta da nova diretoria do IPL. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=2327>> Acesso em: maio 2014

PINTOS, Claudio García. *A Logoterapia em Contos*. São Paulo: Paulus, 1991.

POSTIC, M. *O imaginário na relação pedagógica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993

RADINO, Glória. *Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. Casa do psicólogo, 2003.

RIBEIRO, Gizele Rocha. **Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos**. p.112-126. *RDBCI*, 2006, 3.2.

Saúde Mental: transtornos atingem cerca de 23 milhões de brasileiros. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/saude/2013/05/saude-mental-em-numeros-cerca-de-23-milhoes-de-brasileiros-passam-por>> Acesso em: 12 de maio 2014

SHECHTMAN, Z. *Treating children and adolescent aggression through bibliotherapy*. 2009. Disponível em: <<http://www.ncschoolcounselor.org/Resources/Documents/Article%20-%20Bibliotherapy.pdf>> Acesso em: 14 de maio 2014

SHRODES, Caroline. *Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study*. 1949. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education)—University of California, Berkeley, 1949

SILVA, Taise Maria da. **Como o bibliotecário pode se inserir nas atividades de leitura como biblioterapia?**. 2011.

SCARPATO, Artur. **Uma Introdução à Psicoterapia**. 2010. Disponível em: <<http://www.psicoterapia.psc.br/scarpato/psicoter.html>> Acesso em: out. 2014.

ANEXO 1

Tabelas da pesquisa de MUSSA, Claudia. MALERBI, Fani Eta Korn. **O impacto da atividade lúdica sobre o bem estar de crianças hospitalizadas.** Psicologia: Teoria e Prática, vol. 10, núm. 2, 2008, pp. 83-93, Universidade Presbiteriana Mackenzie Brasil.

Tabela 1. Avaliação do humor (a partir da observação dos comportamentos) e da dor (auto-avaliada) de cada participante, antes e depois da visita dos contadores de história

Participante (idade/sexo)	Antes da visita	Depois da visita	Dor antes da visita	Dor após a visita
P1 (masc./10 anos)	Alegre	Alegre	0	0
P2 (masc./7 anos)	Agitado	Calmo	0	0
P3 (fem./10 anos)	Quieta e calma	Animada	2/3	0
P4 (fem./5 anos)	Triste	Alegre	5	2/3

Participante (idade/sexo)	Antes da visita	Depois da visita	Dor antes da visita	Dor após a visita
P5 (fem./9 anos)	Alegre e agitada	Alegre e mais tranquila	0	0
P6 (fem./8 anos)	Alegre e agitada	Alegre e calma	0	0
P7 (fem./9 anos)	Chorando	Calma	5	7
P8 (masc./9 anos)	Alegre	Alegre	0	0
P9 (fem./9 anos)	Calma	Mais alegre e falante	8	2/3
P10 (masc./10 anos)	Desanimado e chorando	Mais calmo	3	1
P11 (masc./6 anos)	Alegre	Alegre	0	0
P12 (fem./5 anos)	Alegre	Alegre	0	0
P13 (fem./7 anos)	Desanimada e chorando	Calma	6	5
P14 (fem./5 anos)	Alegre e agitada	Alegre e mais calma	2/3	0
P15 (masc./10 anos)	Calmo	Calmo	2/3	2/3

Legenda: O sombreado escuro indica as crianças que apresentaram melhora em seu estado emocional e o claro aquelas que apresentaram diminuição de dor após a visita dos contadores.

Quadro 6 - tabela de avaliação de humor dos participantes pós contação de histórias.

Dez das 15 crianças apresentaram uma melhora no seu estado emocional, após a visita dos contadores. Aquelas que estavam quietas ou aparentavam tristeza antes da visita (P3, P4 e P9) mostraram-se mais animadas após a presença dos contadores. Para as outras sete que estavam agitadas e/ou chorando (P2, P5, P6, P7, P10, P13 e P14), a visita pareceu ter contribuído para acalmá-las.

As cinco crianças (P1, P8, P11, P12 e P15) que aparentavam estar calmas ou alegres, antes de receberem a visita dos contadores, mantiveram-se inalteradas quanto ao estado emocional.

Tabela 2. Observação da aceitação de comida pelos participantes, antes e depois da visita dos contadores

Participantes	Antes da visita	Depois da visita
P1	Jantou.	Tomou o lanche.
P2	Não comeu. Não gosta da comida do hospital.	Tomou o lanche.
P3	Jantou.	Tomou o lanche.
P4	Não jantou. Não gosta da comida do hospital.	Pediu para tomar o lanche.
P5	Não jantou. Não gosta da comida do hospital.	Tomou o lanche.
P6	Não comeu. Brincou. Sabia que não poderia brincar no dia seguinte (QT).	Tomou o lanche.
P7	Relatou não conseguir comer por causa do enjôo.	Pegou o lanche e disse que o comeria mais tarde.
P8	Jantou com mãe lhe dando na boca.	Tomou o lanche enquanto jogava no corredor.
P9	Relatou não conseguir comer por causa do enjôo.	Pediu o lanche à mãe e o tomou.
P10	Comeu apenas duas colheres do jantar.	Tomou o lanche.
P11	Jantou.	Tomou o lanche.
P12	Jantou.	Tomou o lanche.
P13	Jantou.	Só quis água.
P14	Relatou não ter fome.	Tomou o lanche. Pediu fruta à mãe.
P15	Relatou não conseguir comer por causa do enjôo.	Pediu leite com chocolate ao pai.

Legenda: O sombreado indica as crianças que demonstraram melhora no apetite após a visita dos contadores.

Quadro 7 - tabela de aceitação de comida pelos participantes pós contação de histórias.

Observou-se também uma diminuição na frequência de reclamações (dor, mal-estar, barulho, comida) das crianças após a visita dos contadores. Das cinco crianças que apresentavam alguma reclamação, três deixaram de fazê-la após a visita dos contadores.

Em relação à avaliação de dor, por meio do instrumento 2, oito crianças pontuaram entre 2/3 e 8 na escala analógica, antes da visita dos contadores (Tabela 1). Destas, seis relataram diminuição da dor (0-5) depois da atuação dos contadores, das quais três estavam recebendo quimioterapia. A criança P15, que também estava recebendo quimioterapia, não alterou a sua avaliação de dor (2/3), e P7 alterou a sua avaliação de 5 para 7, alegando que a dor era intermitente.

Esses dados mostram que a maioria das crianças que relataram dor ou mal-estar, antes da visita dos contadores, mencionou diminuição após a presença destes, sem nenhum medicamento analgésico. Isso nos leva a supor que a atividade lúdica desenvolvida com as crianças, por meio da leitura de uma história, de um jogo ou da pintura de um desenho, e as reações provocadas por essa atividade, como o riso, provavelmente proporcionaram uma vivência positiva, acompanhada da liberação de endorfina (RANG; DALE; RITTER, 1997).

ANEXO 2

Relato de experiência em biblioterapia

Comecei a me consultar com um psicólogo de abordagem comportamental a um mês, semanalmente. A consulta dura uma hora, aproximadamente. De início, contei que já havia feito terapia duas vezes na minha vida, a primeira sendo com 6 anos de idade. A primeira vez foi por problemas na escolinha e por ainda chupar dedo naquela idade. A segunda vez foi com 14 anos, devido a crises de pânico que haviam começado meses antes. Fiquei nessa segunda psicóloga até os 17 anos, quando me senti segura o bastante para lidar com as crises sozinha.

Venho sentindo, além da ansiedade fora do normal e do nervosismo que causam a crise de pânico, uma falta de motivação e ânimo para fazer até as menores coisas. Isso levou minha mãe a me pedir que consultasse um outro psicólogo, e assim começou essa nova etapa. Contei isso tudo a ele, e também que tenho histórico de depressão na minha família materna. Contei também dos problemas que tenho em interações sociais, principalmente as muito superficiais, ou muito profundas. Minha dificuldade estava em qualquer tipo de contato humano que passasse de uma zona de conforto. Muito longe, eu me tornava desinteressada e me sentia extremamente mal em ter que cumprir certos códigos sociais. Mas quando a pessoa se torna muito próxima, eu me apresso em afastá-la de diversas formas, geralmente de forma passivo-agressiva. Estar com outras pessoas me faz sentir deprimida, sozinha e de certa forma fisicamente doente; tenho enxaquecas até 2 vezes por semana e as vezes enjojo sem aparente motivo. Tenho tido muita dificuldade de dormir e comer regularmente. Quando durmo, geralmente tenho pesadelos, nunca os mesmos.

Meu psicólogo então me perguntou se eu tinha algum hobby. Eu disse que lia muito e via muitos filmes. Ele demonstrou interesse nos livros que eu lia, me perguntou e anotou os meus favoritos para ler. Um deles, Cem Anos de Solidão, ele já havia lido, e conversamos sobre isso. Fez com que eu me sentisse mais a vontade, como se ele de alguma forma me entendesse um pouco mais, mesmo provavelmente me entendendo perfeitamente desde o início. Depois disso ele me perguntou se eu já havia lido O Apanhador no Campo de Centeio, de J.D. Salinger. Eu conhecia, mas nunca tinha lido. Ele então pegou o livro de sua prateleira e me deu, dizendo que eu lesse para a próxima semana. Ele então encerrou a consulta e me disse: “Acho que você tem muito do Holden Caulfield”. No momento não sabia o que fazer disso, agradei e saí.

Comecei a leitura e também a perguntar às pessoas o que elas pensavam do livro, e em especial do personagem principal. Descobri que muitos dos meus amigos achavam ele esquisito, meio maluco e “com problemas”. Descobri também que outros o idolatravam, inclusive gente com mais idade. Teve quem me disse que era “livro de psicopata”, por causa do assassino do John Lennon, que era obcecado por esse livro e pelo Holden. Comecei – antes mesmo de acabar o livro – de me perguntar o porquê da semelhança, o que isso diria sobre mim. Ao longo do livro contatei que sim, Holden era um garoto de 16 anos com problemas, ele era esquisito. Mas na verdade, cada vez que eu lia mais, mais eu me orgulhava de me parecer com ele. Percebi que eu entendia aquele conflito, entendia aquelas situações, de uma forma que eu nem sei explicar. Não tentei voltar aos meus amigos que não gostavam dele e explicar minha visão, porque eu sei que não era uma questão de interpretação e, sim, de identidade.

Quando acabei o livro eu me sentia feliz comigo mesma. Senti que eu não era assim tão estranha quando mais jovem, nos meus anos de crise de pânico, porque Holden se parecia comigo, e não tinha nada de feio nele. No nosso próximo encontro, meu psicólogo me perguntou o que eu achei do Holden e eu disse que achei que ele muito sozinho e ao mesmo tempo muito verdadeiro, por algum motivo eu não falei o quanto me identifiquei. Acho que eu queria ouvir primeiro o que ele diria.

Ele parou e pensou por um tempo e disse “Parece que ele sente tudo sem proteção alguma. Parece que ele está emocionalmente nu, tudo o deprime porque ele busca significado em cada uma de suas interações.” Eu me senti estranha depois disso, senti vontade de chorar. Ele então mudou de assunto e falamos de algumas outras coisas diferentes. No final da sessão ele voltou a abordar o livro. Ele me disse que, diferente do que eu pensei a vida inteira, eu não era uma pessoa tímida. Não é timidez. Existem diferentes níveis de ansiedade social e problemas de interação, e ele disse que a minha condição não era ruim, não era algo que deveria ser mudado. Pela primeira vez um psicólogo me disse isso, e me disse isso a partir de um livro. Nós debatemos sobre algumas passagens e o que elas significavam; eu acho que Holden queria achar em todo canto algo que o fizesse sentir diferente e se frustrava a cada mínimo detalhe que não saia como ele esperava. Desde então penso muito no que isso quer dizer para mim, sobre mim e como eu posso entender melhor quem eu fui, entendendo em quem ele é. Quem sabe entender quem eu sou.

Talvez se eu tivesse lido O Apanhador no Campo de Centeio com 15 anos, no auge das minhas crises, eu, hoje, conseguisse me conectar melhor com pessoas que amo.

De toda forma, eu não tinha pensado nisso como biblioterapia até esse momento. Ele não usou esse termo em momento algum, tudo parecia só uma recomendação informal de livro e, depois, como se nós só quiséssemos entender o Holden.